



Peças que somem, lacunas que nascem

a trajetória integralista de Câmara Cascudo

ARTHUR LUÍS DE OLIVEIRA TORQUATO


Atena
Editora
Ano 2023



Peças que somem, lacunas que nascem

a trajetória integralista de Câmara Cascudo

ARTHUR LUÍS DE OLIVEIRA TORQUATO

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista, adaptado do autor

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Peças que somem, lacunas que nascem: a trajetória integralista de
Câmara Cascudo

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Arthur Luís de Oliveira Torquato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
048	<p>Torquato, Arthur Luís de Oliveira Peças que somem, lacunas que nascem: a trajetória integralista de Câmara Cascudo / Arthur Luís de Oliveira Torquato. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1435-3 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.353230606</p> <p>1. Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986 - Crítica e interpretação. 2. Literatura brasileira - História e crítica. I. Torquato, Arthur Luís de Oliveira. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 869.09</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Tenho plena consciência de que quase sempre tento escapar de situações desagradáveis e dramáticas pela porta do humor (...). Seja como for, acho isso mil vezes preferível a assumir ares de herói ou mártir.

Érico Veríssimo

Aos meus pais, Luis e Fátima

por...

Tudo!

A espada e a lira ou o lugar de fala do historiador

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Este livro trata de uma temática complexa e sujeita a distintas e extremadas versões: a participação do erudito potiguar Luís da Câmara Cascudo no movimento Integralista; a sua adesão e a militância nos quadros da Ação Integralista Brasileira, movimento político de extrema-direita, entre os anos de 1932 e 1937. Este episódio da biografia do mais importante intelectual potiguar do século passado tem dado origem a duas posturas, a duas formas de abordagem, que pouco contribuem para a compreensão do evento: por um lado, a grande maioria daqueles que se dedicaram a escrever sobre a vida de Câmara Cascudo, a maioria de seus biógrafos, preferem silenciar diante da sua militância integralista, devidamente documentada; seguindo o gesto empreendido pelo próprio Cascudo, que omitiu sistematicamente este período de sua vida em suas obras memorialísticas.

Aqueles que querem fazer de seus escritos um canto ao folclorista potiguar, adotando, quase sempre, tons louvaminheiros, parecem considerar este acontecimento desabonador, uma espécie de mácula na vida e na trajetória do grande homem que querem homenagear, preferindo a omissão ou, quando muito, a mera referência fática, sem qualquer análise das condicionantes desta participação de Cascudo nas hostes dos seguidores do *sigma*. Por outro lado, há aqueles que preferem fazer desse evento matéria para escândalo e denúncia, muitas vezes reduzindo a sobressaltada, variada e descontínua trajetória de Cascudo, - como são todas as vidas -, a este episódio, como se ele arruinasse tudo aquilo que foi e fez, como se ele por si só o resumisse, o explicasse e o encerrasse, bastando ser narrado para ferir de morte a reputação e a própria memória do provinciano incurável. Além disso, assim como o grupo anterior, que produzem o desconhecimento pelo silêncio e pela omissão, esses produzem o desconhecimento pela confusão que estabelecem entre integralismo, fascismo, nazismo e pela redução de toda a trajetória cascudiana a um episódio, significativo é verdade, mas não o único que tem relevância em sua longa e variada vida.

Se estas duas posturas medram, se a participação de Luís da Câmara Cascudo no movimento integralista ainda causa desconforto, medo, desconfiança, isto em muito se deve a postura do próprio Cascudo, diante do episódio, evitando dele tratar abertamente, não deixando em entrevistas ou em seus livros de memória seu depoimento acerca das motivações que o levaram a se engajar tão decididamente no movimento, a ponto de se tornar, por um breve período, o chefe da seção integralista no Rio Grande do Norte. O mesmo parece

ocorrer com os guardiões da memória de Cascudo, que ainda parecem acreditar no caráter desabonador que teria a sua participação nesse movimento, postura que só vem a reforçar a daqueles que fazem desse tema motivo de recusa fácil do homem Cascudo e, o mais grave, de toda a rica, importante e diversificada obra que produziu. Cultivar o silêncio diante deste tema termina por colaborar para o silenciamento acerca do próprio Cascudo e, o mais grave, de sua obra.

O quadro que encontrei ao chegar a Universidade no Rio Grande do Norte era de quase silêncio, quando não de recusa preconceituosa em relação ao erudito potiguar, por ele ser um homem de direita, silêncio não em torno de seu nome, sempre muito comentado, falado, quase sempre no plano da mitificação ou da simples desqualificação apressada e ideológica, mas de sua obra, de seu pensamento, pouco conhecidos, pouco tratados, pouco utilizados nas várias áreas do conhecimento em que produziu e militou. A própria biblioteca da Universidade, que leva o nome daquela que foi uma estudiosa da vasta produção de Cascudo, Zila Mamede, não possui a maioria de seus livros. O ícone da cultura potiguar, o mito merecedor de honras, homenagens, louvações, era, na verdade, quase um desconhecido para a maioria, naquilo que mais interessa: o que ele escreveu e produziu. Era objeto de estudo de uns poucos e isolados intelectuais, que dedicaram à sua obra e trajetória intelectual alguns estudos academicamente relevantes, mas também pouco divulgados ou conhecidos, embora houvesse na cidade muitos que se julgavam especialistas, quando não donos da temática Cascudo.

Este livro de Arthur Torquato, intitulado *Peças que somem, lacunas que nascem: a trajetória integralista de Câmara Cascudo*, se outros méritos não tivesse, mereceria ser lido não só porque tem a coragem de enfrentar este tema difícil, polêmico, quase tabu, este episódio relevante da vida de Câmara Cascudo, mas principalmente por fazê-lo sem cair naquelas posições polares e extremadas com que o tema vinha sendo tratado. O trabalho de Arthur é um exemplo do lugar de fala do historiador, é um trabalho que diz bem de como o discurso acadêmico deve estar equidistante tanto do discurso das efemérides, da mitificação e da monumentalização, quanto do discurso meramente ideológico, desqualificador, do discurso que aposta no escândalo, na bizarria, na curiosidade, na pecha e na estigmatização. O discurso do historiador deve fazer um esforço, sempre difícil, de se manter crítico, analítico, compreensivo, fugindo da mera bajulação, da mera reprodução de um discurso de lisonja, mas também evitando as imprecisões preconceituosas, as condenações sumárias, as explicações fáceis, o mero julgamento de valor sobre os eventos. Acima de tudo, o trabalho do historiador se faz mediante documentos, e este é outro grande mérito e diferencial do livro que os apresento: tudo que está dito nestas páginas o foram a partir de uma

pesquisa documental rigorosa, dizendo-se aquilo que os documentos permitem e suportam, nada dizendo para além daquilo que a documentação autoriza, para o que muito contribuiu a generosa e desassombrada disposição de Daliana Cascudo ao dar acesso a boa parte da documentação aqui utilizada. Sabemos todos, no entanto, que os documentos não falam por si mesmos, o que se irá ler a seguir é fruto de um trabalho de interpretação e conceituação feito por Arthur, as conclusões a que chegou são suas, não estão já na documentação. Ele avança conclusões e hipóteses que convidam a que outros pesquisadores, compulsando a mesma documentação, ou indo além dela, possam elaborar outras interpretações. É, por isso mesmo, que a Constituição Federal assegura aos historiadores o direito à livre interpretação da documentação, sem a qual não teria como exercer seu papel social de críticos das memórias, de produtores de um discurso analítico em relação a todas e quaisquer versões oficiais do passado.

Para além das conclusões inovadoras e percucientes a que chegou acerca das motivações históricas e pessoais que levaram Cascudo a aderir a AIB, sobre o papel que ele exerceu no movimento e do porque dele ter se afastado e posteriormente silenciado sobre esta sua atuação política, que não irei avançar para que o leitor possa descobrir ao ler o texto, queria destacar que o livro de Arthur Torquato, fruto de um trabalho de monografia de final de curso de graduação e de mais de dois anos de atuação como bolsista de iniciação científica, no grupo de pesquisa que coordeno, deve ser tomado como um exemplo do esforço que o historiador faz para tentar compreender as pessoas e os eventos no seu próprio tempo, com os valores e códigos sociais do tempo em que viveram e em que aconteceram, sem projetar para o passado valores e formas de pensar do nosso tempo. Sabemos que não há análise isenta de juízo de valor, por mais que se tente entender o outro em seus próprios termos, as pessoas do passado e o passado sempre serão resultado de seu encontro diferencial com o presente. Arthur faz um esforço para entender as motivações que levaram Câmara Cascudo, na época, a aderir a um movimento político conservador e autoritário como a AIB, isso não significa a adesão de Arthur a estas formas de pensamento, nem sua abstenção de se posicionar criticamente em relação a elas, mas requereu de sua parte o que poderíamos nomear de uma postura generosa para tentar entender Cascudo em suas próprias condições e motivações, fugindo da condenação ou da justificação fáceis.

Não estamos com este prefácio desqualificando todos os discursos de homenagem a Câmara Cascudo, que os fez por merecer, mas deixando claro que a Universidade, a academia não é o lugar desta forma de discurso. A Universidade, o discurso acadêmico, o discurso do historiador, são lugares de

fala distintos, que obedecem a regras de enunciação discursivas diferenciadas. O livro de Arthur Torquato é um exemplo de discurso acadêmico, de discurso de historiador, ao abordar um tema tão marcado e saturado ideologicamente, um tema quase melindroso pela forma como é, ainda hoje, tomado, tanto por aqueles que se arvoram a defensores da memória de Cascudo, como aqueles que o querem diminuir, questionar ou desqualificar de uma só penada. Arthur não faz de seu discurso um canto ou uma agressão à Luís da Câmara Cascudo, à sua memória, à sua trajetória e à sua obra. Seu livro não foi escrito para ferir, para magoar, para reabrir ou produzir feridas, mas também não foi escrito para agradar, para contentar, para louvar, para decantar. Este livro, que espero seja lido com muita atenção, até para dele discordar ou para criticá-lo, não quis ser nem espada, nem lira, embora tenha um pouco dos dois instrumentos, do gume e da sonoridade que carregam. Ele quis ser o que é: um livro, uma obra de historiador, um relato interpretativo sobre o passado mediante documentos, a construção de uma versão analítica para o que se passou, uma tentativa de compreender em seus próprios termos este outro que é o evento que já é passado, a vida de um sujeito que já não se encontra entre nós, usando do afiado gume da crítica, mas também se utilizando da generosidade do canto, da capacidade de acolhida da música, para recepcionar este estranho, este estrangeiro que é o acontecimento e o personagem que nos chegam de antanho. A historiografia sempre faz doer, mas também pode consolar e embalar. Nem sempre o silêncio evita a ferida, às vezes gritar ou cantar é a melhor forma de se trabalhar os traumas e as mágoas. A fala é terapêutica, já enunciava Freud, falar sobre algo que faz doer, que causa desconforto, é a melhor forma de superá-lo. Há silêncios que apenas perpetuam o desconforto e o medo. Rompê-los é uma das funções sociais da historiografia. Arthur Torquato pode se orgulhar de ter feito isto neste livro.

Lisboa, 13 de julho de 2012.

Em 2008 encerrei dois importantes ciclos da minha vida acadêmica: me graduei em História e encerrei minha experiência na Iniciação Científica, sob a orientação do professor Durval Muniz. Este livro é o resultado dessa experiência, pouco ou quase nada tem relação com o que sou como historiador hoje, no ano de 2023. Então por que publicá-lo?

Embora seja um trabalho de monografia de conclusão de curso, a partir dele muitos trabalhos foram produzidos, com certa constância ainda recebo pedidos para enviar cópias para colegas do Rio Grande do Norte e às vezes até de outros estados. Acredito que o interesse esteja em ainda hoje existirem poucos trabalhos acerca da trajetória integralista de Câmara Cascudo, mesmo passados 15 anos.

A primeira tentativa de publicação ocorreu em 2012, quando pedi e Durval gentilmente escreveu o prefácio que hoje abre este livro. Na ocasião, obrigações profissionais e o foco para entrar no mestrado da UFRGS me fizeram colocar a ideia de lado, mas as cobranças pela publicação nunca cessaram, mantendo em mim uma cobrança constante o que só piorava com o passar do tempo. Logo pensava: “não vale a pena, é um trabalho de graduação”.

Ocorre que depois de uma mesa redonda, na qual voltou à baila a temática de Cascudo e sua participação na AIB e me perguntaram, novamente, onde era possível conseguir uma cópia. De forma despreziosa revelei a angústia por não ter publicado o trabalho quando deveria, foi então que ouvi: “e por que não pode mais lançar? Tem alguma lei?”. Imediatamente falei da historicidade do trabalho, do quanto possuía limitações e como isso poderia ser mal interpretado etc. e novamente fui retrucado: “então você acha melhor as pessoas garimparem na internet? Quem quer ler e precisa das informações sabe todas as limitações de um trabalho seu de 2008. Isso é natural”. Ao fim da mesa decidi: vou publicar. E aqui está.

Basicamente o texto foi revisado do ponto de vista normativo e gramatical. Portanto, trechos do texto aparecem diferente da versão da monografia, mas, a essência continua a mesma. Não houve acréscimo de fontes, novas interpretações (embora a tentação de mudar fosse enorme), nem correções profundas. O texto é de um recém-formado, com todos os seus medos, anseios e dificuldades, de um aluno que pela primeira vez apresentava um trabalho para avaliação de uma banca.

Confesso a dificuldade de me avaliar, de ser meu próprio editor. Que terror! A tentação para mudanças foi enorme, mas logo percebi que se fizesse isso não seria aquele trabalho de 2008, seria um novo, e esse, definitivamente não foi a intenção. *Prefiro encarar este livro como um memorial*, pois foi esse o sentimento que tive quando lia aquilo que fui em 2008.

Portanto, aqui apresento um jovem historiador, com muitas vontades, ainda aprendiz, certo das suas dificuldades, mas que pela primeira vez apresentou um tema com o qual se envolveu. Ao reler o prefácio feito por Durval, por vezes me emocionei, pois lembrei das aulas, das orientações, da dificuldade e do desejo de apresentar um trabalho digno de historiador. Aliás, me orgulhei do atrevimento com a escolha de um tema tão complexo e difícil de trabalhar, ainda posso sentir a pressão em estudar um tema tabu quando se tratando de Cascudo.

Lembro com carinho a primeira vez que Daliana Cascudo me chamou para conversarmos sobre o texto e a crítica por ela apontada à época estava correta, algo que de imediato tratei de corrigir para este livro. A ela agradeço o carinho e a compreensão pelo período que pude pesquisar no acervo pessoas de Câmara Cascudo.

Este livro é dedicado não só aos colegas historiadores que me cobravam a publicação da monografia, mas também aos interessados em conhecer um pouco da relação de Cascudo com a Política brasileira da conturbadas décadas de 1930 e 1940. Com todas as limitações de um trabalho desta natureza, este livro parece ser um bom início para pesquisas com a temática do integralismo no Rio Grande do Norte. Espero contribuir de alguma forma.

*Arthur Luís de O. Torquato
Natal, 30 de maio de 2023.*

INTRODUÇÃO	1
OS SENTIMENTOS INFLUEM NAS POSTURAS	8
De como se processou a ligação entre a AIB e Câmara Cascudo.....	11
A entrada na AIB e a busca por uma identidade	15
Letras, cultura e a atração pelo projeto Integralista	16
O projeto, a união e o que os atraiu.....	19
OS ESCRITOS CASCUDIANOS E A OPORTUNIDADE DE EXPRESSAR-SE POLITICAMENTE.....	25
A necessidade de alianças e o uso das máscaras no cenário político	25
Ideologia e propaganda: a busca de uma posição de produtor de saberes dentro dos quadros da AIB	29
O escafandrista: a busca do verdadeiro brasileiro nos arrecifes da cultura.....	32
A função de defensor e tradutor dos escritos integralistas.....	34
O PROCESSO DE SILENCIAMENTO DA BIOGRAFIA VERDE.....	39
Capanema: a necessidade de todo letrado nacionalista.....	41
Novas ordens, novos discursos, um só silêncio: o processo de silenciamento de um (ex)Camisa Verde.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Na infância possuí quebra-cabeças. O problema dos quebra-cabeças é sua dificuldade – aí sua graça –, mas com muita paciência e tempo se constrói uma imagem perfeita, enquadrada, desvendando quase sempre um belo cenário, as galáxias ou a figura de uma famosa paisagem.

O problema dos “meus quebra-cabeças” é que eram vários, de paisagens várias, todos da mesma marca, e, dentro da minha desordem de criança (por sinal, a mesma que hoje me acompanha) guardava todas as peças, misturadas, em uma caixa de tênis preta. Meus problemas aumentavam na medida que desejava montar um *Fórmula 1*, mas, partes de cavalos, árvores, cachoeiras e, quando por muito, os *smurfs*, me atrapalhavam na busca pelas peças que construiriam meu bendito castelo.

Dada minha capacidade de desordem, o castelo sempre terminava sem um pedaço da torre, o portão parecia ficar aberto e as janelas perdiam todo seu belo formato medieval, ganhando contornos imprecisos e toscos de uma peça contemporânea de *puzzle*. Mas, para meus olhos de criança, estava ótimo, não existiam problemas. Muito provavelmente eu tenha perdido essas peças. Quando chamado atenção pelas lacunas, destacados pelo colorido do chão no qual a paisagem estava montada, eu simplesmente silenciaria as peças faltantes e oficialmente as declarava extintas por toda eternidade. Entretanto, uma busca cuidadosa em minha caixa de tênis preta, separando e reunindo os quebra-cabeças, talvez revelasse as ditas peças oficialmente “extintas por toda eternidade” e me colocaria em uma situação complicada.

Durante o tempo que trabalhei e viajei pelo imaginário integralista de Luís da Câmara Cascudo fiz o papel do curioso com as lacunas existentes nas suas biografias. Fui atrás, não da paisagem montada, do cenário perfeito, do discurso já consolidado, mas da caixa preta que guardava, em seu fundo, as *peças verdes*, silenciosamente adormecidas da(s) biografia(s) de Luís da Câmara Cascudo.

As variadas trajetórias de vida de Cascudo revelam importantes momentos da sua dedicada pesquisa etnográfica, da sua intimidade com nomes como Mário de Andrade; da sua amizade com Gustavo Capanema; revelam ainda a riquíssima e admirável bibliografia pessoal, sua *provincianisse* incurável, sua estreita e tortuosa relação com a imponente Academia Brasileira de Letras, mas uma pergunta se instala: onde foi parar o Cascudo integralista? – trajetória diretamente relacionada à sua amizade com Gustavo Barroso. Cascudo exerceu importante e influente posição nos quadros da Ação Integralista Brasileira (AIB), atuando como *Chefe Provincial* e membro da *Câmara dos Quatrocentos*. Afinal, onde foram parar as peças que preenchem as lacunas deixadas? Em busca de saber o processo de silenciamento dessa trajetória, bem como os mecanismos para isto, dediquei esforços nesta empreitada em minha iniciação científica no Curso de História da UFRN.

Após dois anos de pesquisa cheguei a algumas conclusões: a) A caixa preta não

foi ao todo revirada. Não passou por minha mente a presunção de ter encontrado todas as “peças verdes” e completado todas das lacunas. Longe disto. Este historiador foi, mais uma vez, vencido pelo limite das fontes. E ainda bem, essa é uma característica do nosso ofício.

b) Devo afirmar ter conseguido preencher poucas lacunas desse tortuoso e mal montado quebra-cabeças. Com certeza foram poucas, mas as peças que encontrei podem ajudar outros colegas. Posso afirmar com firmeza: completei as partes que me interessavam enquanto pesquisador. Mesmo não me satisfazendo por completo, consegui responder à maioria das interrogações acima e mais, trouxe hipóteses plausíveis para explicar a eufórica entrada e a meteórica trajetória de Cascudo pela Ação Integralista Brasileira. De certa forma, ao final, consegui entender o porquê da ausência de tantas peças verdes faltando na paisagem cascudiana.

O objetivo foi fornecer uma interpretação acerca da trajetória integralista de Câmara Cascudo, durante a década de 1930, período de explícito engajamento político na biografia daquele considerado o maior erudito do Rio Grande do Norte do século XX. A análise da trajetória cascudiana na AIB proporcionou entender de que forma se desenvolveu a relação entre o letrado potiguar e o projeto desenvolvido por Plínio Salgado. Inicialmente, visava-se a tomada do poder através de uma *revolução cultural*, angariando quantidade considerada de letrados em suas fileiras. A consequência foi o surgimento do maior movimento de extrema direita do Brasil, angariando letrados, religiosos, políticos e populares em torno de um projeto autoritário e hierárquico de Estado.

Tendo Câmara Cascudo participado ativamente do movimento, coube as seguintes indagações: sendo um atuante membro da Ação Integralista Brasileira, participado de toda trajetória do movimento (de 1933 até 1937), por que essa passagem é silenciada da biografia cascudiana? O envolvimento de Cascudo com a AIB pode ser considerado o momento da biografia cascudiana em que encontramos a mais íntima e explícita relação entre o letrado e a política, sendo este um momento único para o estudo acerca da postura e da ideologia política de Câmara Cascudo.

A fim de responder tal indagação, estabelecemos as décadas de 1930 e 1940 como recorte cronológico para a análise proposta. Na década de trinta, Cascudo iniciou seu processo de aproximação com o movimento político-cultural de Plínio Salgado, atraído pelo caráter conservador e tradicional da AIB. Estabeleceu uma sólida aliança com projeto até o fim da AIB, em 1937. Na década de quarenta, as fontes apontam para uma mudança de posicionamento, bem como um reordenamento no xadrez da política nacional e Cascudo percebe o movimento. A repressão sobre a AIB promovida pelo Estado Novo varguista, em 1937, e a perseguição do Estado Novo aos insurgentes integralistas, levaram Cascudo a redefinir seus discursos e seus posicionamentos políticos.

Assim como a maioria dos letrados de sua época, Cascudo necessitava de apoio do Estado para dar continuidade a seus escritos e sobreviver enquanto escritor. A partir disto, Cascudo ressignifica o discurso e se aproxima do varguismo, através de prestação

de serviços ao então projeto ditatorial de Getúlio Vargas, principalmente através de sua colaboração junto ao “Ministério de Capanema”.

Luís da Câmara Cascudo nasceu em 1898 e faleceu em 1986. Em seus 87 anos de vida, sempre residiu em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Autor de vastíssima obra, Cascudo foi, e ainda é, respeitado e referência para eruditos e intelectuais. Construiu em vida a imagem do provinciano incurável, nunca residindo em outro local que não em sua cidade Natal, onde especializou-se nas pesquisas folclóricas e produziu obras sobre os mais variados assuntos. Filho de família abastada, viveu toda infância cercado por cuidados. Os pais o teriam criado de forma protetora, como bem lembraria Cascudo anos mais tarde. Esses cuidados lhe renderam uma íntima relação com as letras, proporcionando-lhe uma vida devotada aos escritos e às pesquisas sobre a cultura popular brasileira, além de lhe garantir uma privilegiada posição no meio político potiguar. Sua colaboração para o plano político nacional iniciou-se na década de 1930 com sua entrada na AIB.

Inicialmente, a AIB foi formada em outubro de 1932 (fruto do que mais tarde a historiografia viria a definir como *Manifesto de Outubro*)¹ pelo escritor Plínio Salgado – o qual veio a ser líder do movimento do início ao fim. Suas finalidades iniciais estavam relacionadas a três pontos básicos: a) funcionar como centro de estudos e cultura sociológica; b) desenvolver uma grande propaganda moral e cívica junto ao povo brasileiro; c) implantar no Brasil o Estado Integral.² Esse “Estado Integral” estaria apoiado na consolidação institucional de uma doutrina cristã e conservadora centrada no culto a *Deus, à Pátria e à Família*. A defesa dos valores tradicionais era o ponto de apoio de uma elite agrária decadente que se encontrava, cada vez mais, alijada do poder e afastada dos prestígios políticos e econômicos que um dia possuíram.

Diante do declínio do poder oligárquico, após a ação de reordenação política empreendida por Vargas a partir do Golpe de 1930, os órfãos daquilo que o Estado varguista definiu como *República Velha*, buscaram se reorganizar em todo o território nacional, se reagrupando no cenário político para reconquistar os espaços perdidos. Nesse cenário, o integralismo se difundiu como uma “ideologia salvadora” para a elite aristocrática nacional. Assim foi também, no Rio Grande do Norte, onde o integralismo encontrou órfãos de uma elite decadente em busca de amparo fora dos novos limites impostos pelo projeto varguista.

Ao longo deste trabalho busquei variados suportes de pesquisa a fim de reunir o maior número de fontes que tratassem da ligação de Câmara Cascudo com o movimento integralista, bem como elementos que explicassem os motivos de seu afastamento da AIB: artigos em jornais e revistas, correspondências, fotografias e livros, tanto de Cascudo como obras referentes ao integralismo.

1 O *Manifesto de Outubro* foi o documento que continha os princípios ideológicos e a doutrina da Ação Integralista Brasileira, escrita e lida por Plínio Salgado. De maneira sucinta, *O Manifesto* é representado por um pequeno manual com o discurso pronunciado por Plínio Salgado no Teatro Municipal de São Paulo, na cerimônia de inauguração da criação da AIB. Os conceitos presentes no *Manifesto* são o resultado dos estudos feitos pela Sociedade de Estudos Políticos (SEP) sob a orientação do próprio Salgado.

2 *Monitor Integralista*. Ano 2. n. 6, maio de 1934. p. 3. In: CAVALARI, 1999.

Os jornais pesquisados foram basicamente *A República* e o jornal integralista *A Offensiva*. As revistas *Anauê* e *Panorama* forneceram informações importantes acerca da participação dos letrados na propaganda integralista, assim como fornecem textos preciosos sobre a concepção intelectual e política da AIB. A correspondência utilizada refere-se às cartas trocadas entre Cascudo e Mário de Andrade e entre Cascudo e o ex-ministro Gustavo Capanema. As demais fontes (como livros, textos pessoais etc.) foram analisadas no acervo pessoal de Câmara Cascudo.

A pesquisa e a coleta das fontes foram realizadas no período de maio de 2006 a março de 2008. Nesse tempo, foram feitas visitas semanais ao Memorial Câmara Cascudo (MCC), sob a responsabilidade de Daliana Cascudo, neta do escritor. Lá foi se encontra toda a biblioteca pessoal de Câmara Cascudo, inclusive alguns documentos muito interessantes e fundamentais para as conclusões deste estudo. Na biblioteca tive a oportunidade, por exemplo, de consultar livros enviados por Gustavo Barroso, nos quais, alguns, continham dedicatórias para o amigo Cascudo, além de anotações feitas pelo próprio Cascudo nas páginas dos livros. Além do acervo cascudiano localizado no MCC, outras publicações integralistas puderam ser consultadas na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e no Instituto Otto Guerra em Natal.³

Com relação às correspondências, estas foram analisadas a partir da tese de mestrado de Edna Maria Rangel de Sá Gomes,⁴ que realizou a coleta e a organização da correspondência entre Mario de Andrade e Câmara Cascudo no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e no MCC, respectivamente. As cartas de Cascudo para Capanema foram consultadas no CPDOC, núcleo da Fundação Getúlio Vargas que reúne documentos escritos e audiovisuais sobre a Era Vargas. Durante a análise das fontes, o foco foi entender de que forma Luís da Câmara Cascudo atuou na AIB, verificando quais fatores o levaram a aderir ao movimento integralista, como se deu sua atuação dentro do movimento e como se processou o silenciamento de sua trajetória integralista.

Este estudo está inserido dentro do campo da História Política por abordar questões relativas à passagem da vida de Câmara Cascudo fortemente marcada por sua engajamento e sua militância política explícita. Buscamos entender as estratégias de silenciamentos do discurso promovidas por Cascudo, recortando dentro da sua biografia, sua pequena trajetória política, estranhamente silenciada dos seus relatos memorialísticos. De forma geral, este não é um trabalho de macro-história, de uma história estruturalista, ao contrário; analisou-se aqui o discurso e as práticas do sujeito e, através de suas ações, foi possível perceber como Cascudo (letrado, conservador, brasileiro, cristão) se posicionou politicamente na conturbada transição política entre as décadas de 1930 e 1940.

3 Cabe já anunciar que Otto de Brito Guerra foi uma importante liderança dos quadros integralistas no Rio Grande do Norte. Diferente do que é comum entre os antigos membros integralistas, ele não se desfez do material referente a esse movimento dos anos 30.

4 GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências*: leitura das cartas trocadas entre Luis da Câmara Cascudo e Mario de Andrade. Natal, 1999.

Nossa proposta de trabalho pretendeu situar a interferência dos saberes e dos poderes dentro da estratégia de construção discursiva de Cascudo. Além disso, foi possível mapear e entender como se promoveu o silenciamento da sua trajetória política a partir de 1937. Ao fim, foi possível entender “a relação entre as diferentes práticas sociais [através dos discursos silenciados e silenciadores] e a pluralidade e onipresença não do poder, mas dos poderes”,⁵ que atuaram no reposicionamento político de Cascudo em sua conturbada trajetória política.

Para isso, utilizamos a nova perspectiva da História Política, entendendo a análise política como um mecanismo de investigação “acerca das formas concretas que assume a luta pelo poder (e o seu exercício)”.⁶ Dessa forma, tivemos a compreensão de como as práticas políticas foram apresentadas e vivenciadas por Cascudo e, ainda, como as silenciou, ou foram silenciadas, quando necessário na disputa entre instituições, poderes e saberes.

Encontramos na obra de Michel Foucault mecanismos para a análise do discurso em uma perspectiva que remete à aplicação de sua teoria na análise das práticas cotidianas dos sujeitos, percebendo práticas, táticas, saberes e poderes em situações aparentemente inocentes. Através da análise do discurso é possível perceber como se constituíram as ligações de poderes e saberes entre a AIB e Câmara Cascudo, bem como entender as redes integradas, as ordens institucionalizadoras por quais espaços os letrados ocuparam durante a conturbada década de 1930.

Ao longo do trabalho acompanha-se processo paulatino de silenciamento da trajetória integralista cascudiana de suas memórias. Algo importante: o silêncio é partícipe, ou às vezes, é uma prática discursiva completa. Os silêncios e as lacunas no caso do Cascudo integralista tornam essa história um campo de interesse. Pensar o silêncio implica em: 1) “um esforço contra a hegemonia do formalismo”. 2) “um esforço contra o positivismo na observação dos fatos de linguagem”. 3) “problematizar as noções de linearidade, literalidade e completude”. 4) “colocar questões a propósito dos limites da dialogia” 5) “Pensar o silêncio em sua especificidade significativa é problematizar palavras com ‘representação’, ‘interpretação’”. 6) “traçar um limite à redução da significação do paradigma da linguagem verbal. Isto significa propor uma decentração do verbal”.⁷

No primeiro capítulo analisou-se como Cascudo se situou dentro do discurso integralista, traçando seus aspectos e anseios pessoais, políticos e ideológicos que levaram à aproximação entre o erudito e a AIB – além de analisar o contexto histórico propício a essa união entre eles. A semelhança entre os indivíduos e as práticas do integralismo caracterizou um grupo muito específico, típico de uma classe média em formação, insatisfeita com a política que estava sendo implementada no Brasil.

5 FALCON, 1997. p. 75.

6 Idem.

7 ORLANDI, 1997.

Desamparados, esses “homens das letras” se viram acolhidos pelo projeto de Plínio Salgado, o qual sugeria a fusão entre religião, cultura, letras e conservadorismo político, criando um habitat propício para aqueles homens assustados com as mudanças políticas e sociais desencadeadas pela modernidade. A questão da afinidade ideológica e conceitual ligada ao tradicionalismo, ao conservadorismo e ao resgate de valores políticos, assim como o amparo social e existencial dado pela AIB a seus membros são questões abordadas nesse momento.

Já entendendo os motivos, associações e práticas que levaram Cascudo a aderir à AIB, no decorrer do segundo capítulo tratou-se de entender a função de Cascudo dentro como um letrado no integralismo. Saber como seu ofício de folclorista e escritor foi utilizado pelos periódicos integralistas motivou a compreensão acerca da sua função nas fileiras da AIB. Em um segundo momento foi analisada a atuação de Cascudo como legitimador do movimento integralista no Rio Grande do Norte, onde exerceu forte influência chegando a exercer a chefia no Estado. A análise das fontes aponta um erudito preocupado com a origem do sentimento de nacionalidade e como o fortalecimento deste legitimaria a AIB como um movimento tipicamente brasileiro, hierarquizado e defensor da ordem pré-Vargas.

No terceiro capítulo procurei entender os motivos e como se processou o silenciamento da trajetória integralista na escrita da biografia cascudiana. As relações entre Câmara Cascudo e o Estado Novo são entendidas como uma explicação para o afastamento de Cascudo da AIB após a frustrada tentativa golpista dos integralistas ao Palácio do Catete. O debate acerca do nacionalismo brasileiro acenava, novamente, como oferta de um lugar de fala para os escritos cascudianos dentro do projeto do Estado Novo. Abria-se uma seara para o erudito, novamente desamparado – após a cassação da AIB – poder se reordenar no tabuleiro e buscar abrigo ideológico nas asas de Gustavo Capanema e seu poderoso Ministério da Educação.

De forma geral, aqui se pretende colaborar com o conhecimento de um período da biografia de Luís da Câmara Cascudo ainda sujeito a tabus e resistências vindos de diversos setores da sociedade potiguar. A trajetória integralista na biografia de Cascudo continuamente obedece a um padrão: quem oculta essa passagem da vida do erudito o faz por “respeito” a imagem de Cascudo ou por medo de ser mal interpretado por familiares ou pessoas que acreditam no discurso de que “todo integralista é nazista”, o que é, obviamente, um equívoco.

Por outro lado, aqueles que retomam a imagem do Cascudo integralista o fazem promovendo críticas buscando desqualificar sua figura ou sua obra, muitas vezes associando os participantes da AIB com o nazismo ou o fascismo europeu. Muitos dos homens integrantes das fileiras da AIB nem sempre eram partidários da violência. Participar de um movimento conservador, autoritário e de direita não era nenhum absurdo na década de 1930. Aliás, nunca é demais lembrar: Dom Hélder Câmara, ferrenho crítico da Ditadura Militar brasileira participou ativamente da AIB, no entanto, sua trajetória ligada à “teologia

da libertação” silenciou e sobrepôs a trajetória integralista.

Ser líder em um movimento do qual fazia parte uma parcela da elite letrada nacional era questão de honra, de respeito e de reconhecimento por parcela destacada da elite econômica e política no Brasil dos anos trinta. Cascudo estava inserido dentro da ordem a que pertencia e, ao contrário de muitos, assumiu sua postura sem preocupar-se com a repercussão, pois ser integralista era ser representante das causas destas elites.

Nas páginas seguintes surge um Cascudo preocupado com seu tempo, um partícipe do seu tempo. Ao participar da AIB possuía interesses próprios, assim como preocupações com a modernidade e suas consequências para sua própria sobrevivência enquanto letrado. Medos compartilhados por outros homens com formação social e acadêmica semelhantes. Anseios e dúvidas como qualquer outro ser humano rondavam seus pensamentos.

Cascudo não foi um homem diferenciado, ele é fruto de suas relações pessoais, sociais, teóricas, de uma sociedade assustada com as mudanças. Foi um letrado cristão em um período de transição na história do Brasil; defensor dos costumes, tradições, formas de viver e pensar de um período anterior, pautado na valorização dos ditos “preparados”. Acompanhava com angústia, medo e insegurança o esgarçar de uma sociedade tradicional esfacelada com o passar do tempo pelo avanço do capitalismo e suas reordenações no século XX. Cascudo, o provinciano, homem avesso inclusive à mudança territorial, era também assustado com as mudanças no pensamento, nas formas de ver e interpretar o mundo.

OS SENTIMENTOS INFLUEM NAS POSTURAS

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento (...) o provérbio árabe disse antes de nós: “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”. Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito.¹

Marc Bloch

Em 1898, nascia na capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, aquele que viria a ser considerado, até nesses primeiros anos do século XXI, o mais respeitado erudito norte-rio-grandense: Luís da Câmara Cascudo. Filho do influente comerciante da cidade do Natal, o senhor Francisco Justino de Oliveira Cascudo – também Coronel da Guarda Nacional e famoso perseguidor de cangaceiros. Cercado de atenção por seus pais, Câmara Cascudo foi uma criança criada com excessos de cuidados, explicados pelas sucessivas perdas de filhos de sua mãe, algo superado com a chegada de “Cascudinho”.² Logo cedo, o príncipe do Tirol foi entregue aos cômodos de sua imponente casa, conhecida como *Principado do Tirol* por se tratar de uma grande propriedade, em formato de sítio, contendo um imenso sobrado e símbolo do poderio econômico da família Cascudo por muitos anos e anos.

Mantido longe das brincadeiras de rua, de bola, da terra e das subidas em árvores se tornou uma criança solitária, de poucos amigos, aquartelada entre os burgos do principado. Coube a Cascudinho desenvolver um olhar apurado na descrição dos corpos que visitavam sua casa. Talvez uma espécie de brincadeira com as fisionomias, característica que acompanharia seus escritos durante toda sua vida.³

Com a excessiva preocupação paternal, Cascudo refugiou-se desde cedo nos livros, procurando conhecer o mundo de fora. Quase sempre privado de sentir os odores fora dos muros do Tirol, por incentivo familiar substituiu o cheiro da terra e da infância pelo aroma exalado pelos papéis e passou a ter as letras como companhia em seu solitário principado. Começou seus estudos fundamentais com o auxílio de professores particulares. Nas aulas do Tirol, os professores ensinaram-lhe a ler e interpretar seus primeiros autores. Como mestres, teve alguns dos mais expressivos nomes das letras do Rio Grande do Norte, como o professor Pedro Alexandrino, de Literatura Clássica e o professor Francisco Ivo Cavalcanti, de Conhecimentos Gerais. Ambos além de docentes gozavam de grande amizade e prestígio junto ao Coronel Francisco Cascudo.

1 BLOCH, 2002.

2 O nome Cascudo não é de caráter hereditário. Tal designação foi dada ao avô do erudito potiguar por se tratar de um homem extremamente conservador e defensor ferrenho da monarquia. Consequentemente, o termo Cascudo (que se refere a uma alcunha dada aos conservadores defensores da monarquia brasileira) foi incorporado ao nome do Coronel, que seguiu a tradição repassando a Luís da Câmara Cascudo. O sobrenome continua a ser utilizado contemporaneamente por seus familiares.

3 Sobre a relação de Câmara Cascudo e os corpos em sua obra ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Ágeis, irrequietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos* na obra de Luís da Câmara Cascudo.

Aliás, logo cedo as amigadas do Coronel e se tornaram as amigadas de Cascudinho. Com a morte do Coronel ainda na primeira metade da década de 1930, os velhos conhecidos se tornaram grandes amigos do já erudito Câmara Cascudo. Inserido em uma rede marcada por intenso sentimento saudosista e imerso em um reduto tradicionalista, Cascudo herdou, respirou e incorporou por toda vida o pensamento conservador de sua época. Mais tarde, já em seus primeiros escritos, poria em prática sua formação educacional conservadora, tradicional e cristã, atuando como jornalista em órgãos de imprensa locais, sendo inserido pelo próprio pai nos círculos letrados da capital potiguar.

Em fins dos anos de 1910, iniciou seus escritos com a publicação de artigos, críticas literárias e pequenas biografias no periódico natalense *A Imprensa*, jornal fundado por seu pai, Francisco Cascudo, com vistas a abrir espaço para filho pôr em prática seus aprendizados e ensaios jornalísticos. Com pouco tempo foi lançado em 1921, o livro *Alma Patrícia*,⁴ composto de reunião de críticas literárias publicadas anteriormente em *A Imprensa*.

Durante a década de 1920, a família Cascudo passou a vivenciar um processo de crescentes dificuldades financeiras, culminando com a falência derradeira do seu pai no princípio da década de 1930. Proprietário da maior Casa de Comércio de Importação e Exportação do Estado, Coronel Francisco Cascudo foi uma vítima potencial da crise financeira global do período Pós-Guerra. Contas não pagas e dívidas acumuladas em moeda estrangeira arruinaram seus negócios, afetados em grande medida pelo cenário financeiro e comercial do exterior.

Com a crise da Bolsa de Valores de Nova York, o *crack* de 1929, acelerou-se o processo de falência do pai de Câmara Cascudo, levando a família para uma complicada situação financeira no início dos anos de 1930. O Coronel Francisco Cascudo usou seus bens para pagar as hipotecas e as dívidas acumuladas. Dentre eles, foi-se o Principado do Tirol, a perda mais significativa para a família. Mais tarde, em artigo publicado na *Revista Panorama*, intitulado “Conversa Sobre a Hypotheca”, Cascudo teceria duras críticas ao sistema hipotecário brasileiro, o mesmo do qual foi vítima seu pai.⁵ A crise do liberalismo, característico do período entreguerras, foi visto como uma das explicações para derrocada dos negócios da família e, não por acaso, a crítica ao liberalismo foi um elemento sedutor do discurso integralista, aspecto que levaria Cascudo a se aproximar da AIB em 1933.

Um fator político também contribuiu – ou acelerou – o processo de decadência da família. O ambiente político não favorecia a ajuda do Governo Local na resolução da crise do Coronel. Com o Golpe de 1930, Getúlio Vargas tomou e assumiu o Poder Federal, iniciando uma política autoritária e centralizadora, empreendendo perseguições intensas às oligarquias tradicionais, principalmente às nordestinas, que há muito já não conseguiam se sustentar economicamente e dependiam sobremaneira de verba transferida pelo Governo

4 CASCUDO, 1921.

5 *Revista Panorama*. Rio de Janeiro, junho 1937. p. 45.

Federal.

Durante anos a fio, a Casa de Importação e Exportação do Coronel Cascudo teve o Governo Local como seu maior cliente, oferecendo produtos e serviços, em uma prática mútua de clientelismo e favores. Com o cerceamento político promovido por Getúlio Vargas, ao instituir a política interventorial nas capitais brasileiras, o Coronel perdeu o apoio político que lhe restara, e com ele a última forma de manter o privilégio e o prestígio. A perda do Principado do Tirol e a mudança para a casa da Rua Junqueira Ayres, emprestada pelo pai de Dália Freire, marcam o ponto final do Coronel Cascudo como abastado comerciante e decreta o momento de transformação e reposicionamento da família no cenário político, econômico e social do Estado.

Com as crescentes dificuldades financeiras do pai, Cascudo foi obrigado por duas vezes a abandonar a Faculdade de Medicina. Iniciou sua graduação na Faculdade de Medicina da Bahia, em seguida, com o início do controle de gastos, foi obrigado a transferir o curso para a Faculdade do Rio de Janeiro, logo tendo que abandonar de vez o sonho de tornar-se cientista, como ele mesmo afirmara em algumas de suas autobiografias.

Em 1924, continuou sua vida acadêmica, mas o curso de medicina não pôde ser concluído por motivos financeiros. Coube a Cascudo enveredar pelo ramo do Direito, ingressando na Faculdade de Direito do Recife onde tornou-se bacharel em 1928. Ao mesmo tempo que sepultava suas ambições científicas, Cascudo preparava uma avenida rumo às letras. Agora, entretanto, as letras tornar-se-iam não mais uma ocupação, uma diversão e sim uma profissão.

Ainda cedo esteve envolvido com importantes figuras do cotidiano político e das letras do Estado. Seu pai foi homem influente e possuía força nas decisões políticas, principalmente na capital, Natal. Com o processo de falência da família em andamento e o fechamento do jornal *A Imprensa* em 1927, Cascudo passou a trabalhar escrevendo no jornal *A República* a partir de 1928. Órgão da imprensa oficial do Estado do Rio Grande do Norte, *A República* foi fundada por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, figura proeminente da política norte-rio-grandense no final do século XIX, além de líder da maior oligarquia do Rio Grande do Norte: os Albuquerque Maranhão – aliada de longa data da família Cascudo.

O ingresso de Cascudo no periódico estreita, mais ainda, suas relações pessoais e profissionais com os “caciques” da política local. Algumas de suas publicações, em fins da década de 1920 e durante os anos de 1930, foram financiadas ou encomendadas pelo Governo Local, estreitando o vínculo entre o erudito em formação e um Estado ansioso por letrados com a função de propagandear, legitimar e resgatar o prestígio das oligarquias tradicionais em crise, devoradas pela política centralizadora de Getúlio Vargas e suas práticas interventoras nos Estados.

De como se processou a ligação entre a AIB e Câmara Cascudo

Em julho de 1933, Cascudo enviou uma carta ao já consagrado escritor Mario de Andrade. Na carta, pede ao colega paulista o endereço de correspondência do também escritor Plínio Salgado.⁶ Ao que tudo indica, o pedido de endereço aponta para ser este o primeiro gesto de aproximação política entre ambos. Em seus relatos, Cascudo afirma ter conhecido Plínio Salgado durante viagem a São Paulo em 1921, oportunidade na qual temas políticos parecem ter sido suplantados por discussões eruditas e literárias.⁷

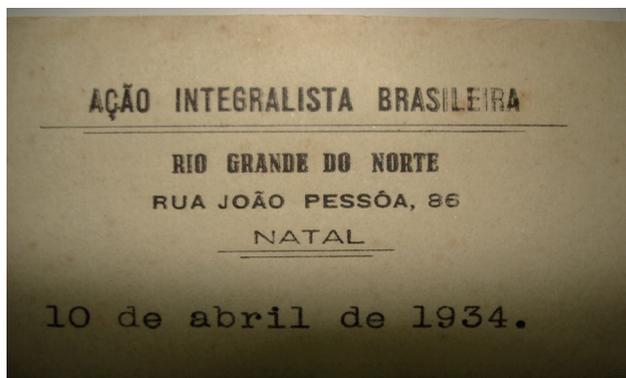
Algum tempo antes, em outubro de 1932, em uma seção solene no Teatro Municipal de São Paulo, Plínio Salgado dava início ao projeto daquele que viria a se tornar o maior e mais importante movimento de extrema direita do Brasil no século XX: a Ação Integralista Brasileira (AIB).⁸ Até onde foi possível averiguar, Cascudo tomou conhecimento do movimento integralista através do seu amigo pessoal, Otto de Brito Guerra, membro de uma tradicional família norte-rio-grandense e contemporâneo de Cascudo na Faculdade de Direito do Recife. Além de Otto de Brito Guerra, o escritor cearense Gustavo Barroso (mais tarde viria a formar o mais alto patamar das fileiras integralistas, tornando-se membro do conselho dos quatro) e importantes lideranças católicas do Estado, responsáveis pelo periódico *A Ordem*,⁹ teriam sido alguns influenciadores sobre o ingresso de Cascudo nas fileiras verdes do integralismo.

6 Esse pedido aparece nas correspondências da seguinte forma: “o que espero receber na volta do correio aéreo é o endereço de Plínio Salgado. Ele mandou mas perdi e preciso escrever ao homem. Não esqueça, mano, desse pedido e mande logo que possa. Quanto mais rápido melhor”. Na mesma carta, à mão, Mario de Andrade escreveu o endereço que enviaria a Cascudo: “Plínio Salgado. Av. Brig. Luís Antonio, 12”. GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. *Correspondências*: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 199. p. 316.

7 Em um artigo intitulado “O Caso Plínio Salgado”, Cascudo afirma ter conhecido Plínio Salgado durante uma viagem que fizera a São Paulo em 1921. Por comparação de datas acredito que o encontro entre os dois na década de 20 nada tinha a ver com política. Já os encontros e as correspondências trocadas a partir de 1933 podem ter sido recheadas de assuntos de caráter político. *A República*. 01 jul. 1934.

8 A Ação Integralista Brasileira foi fruto de um grupo paulista de estudos políticos denominado SEP (Sociedade de Estudos Políticos). Essa sociedade era formada por influentes membros da política oligárquica brasileira e alguns dos principais nomes do alto-clero brasileiro. Seu pensamento era caracteristicamente conservador, autoritário e católico, o que lhe dava um status de representantes da emergente classe média brasileira.

9 *A Ordem* foi um importante e difundido periódico católico, fundado em 1935, que circula no Rio Grande do Norte até hoje. Na década de 1930 foi um importante instrumento de combate à ideologia comunista, além de cumprir seu papel como difusor do catolicismo. Nomes importantes como Câmara Cascudo, Dom Hélder Câmara e Monsenhor Walfredo Gurgel escreveram por anos colunas nesse jornal, que funcionou também como propagador dos ideais integralistas, dado que não existe registro de nenhum periódico integralista na capital do Rio Grande do Norte que tivesse uma grande tiragem. *A Ordem* foi diretamente influenciada pelo pensamento conservador, baseado na ideologia defendida por Tristão de Athayde e Jackson de Figueiredo.



Cabeçalho do bloco de notas utilizado por Luís da Câmara Cascudo em carta endereçada ao integralista Ribeiro Couto.

FONTE: Acervo de correspondências da *Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro.

A aproximação de Câmara Cascudo com a AIB ocorreu por motivos bastante compreensíveis. Às fileiras integralistas acorreram importantes letrados conservadores e cristãos do cenário nacional. Dentre outras figuras de expressão, pertenceram ao movimento integralista homens como Dom Hélder Câmara (Padre de Fortaleza que, mais tarde, em 1964, veio a se tornar Arcebispo de Olinda e influente membro da Igreja Católica no Brasil); Miguel Reale (filósofo, poeta, escritor e jurista formulador da *Teoria Tridimensional do Direito* e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL)); e o já citado escritor cearense Gustavo Barroso (escritor, membro e mais tarde presidente da ABL).

Fundado sob o lema “Deus, Pátria e Família”, desde cedo a AIB caracterizou-se por pautar uma filosofia política tradicional, conservadora e eticamente cristão, além de supervalorizar uma organização hierárquica, patriarcal e autoritária. Essa estrutura organizacional aliava-se a um ambicioso projeto que visava dar aos letrados brasileiros uma importante posição de liderança e função destacada nos quadros da política nacional. O projeto buscava um tipo de Revolução diferente daquela apregoada no discurso e na propaganda comunista.

A AIB, diferentemente, não desejava uma tomada do poder através da Revolução Armada e sim por uma radical mudança de comportamento da sociedade brasileira, através de uma revolução cultural na forma de pensar e agir do indivíduo. Esse indivíduo deveria passar por um processo de reeducação cultural e de uma nova tomada de consciência; em etapa seguinte promoveria a tomada do Poder Central, utilizando a reeducação ideológica como ferramenta de mudança e não o uso da força física. Embora a AIB possuísse formações paramilitares em alguns núcleos provinciais, treinados para situações conflituosas, nem de perto a pretensão integralista foi à tomada bélica do poder.

Os letrados inseridos no projeto idealizado pela AIB, teriam função primordial no processo da revolução cultural integralista. A eles, coube trabalhar em diversas frentes, que

iam desde o combate intenso às práticas e propagandas comunistas, até à disseminação da ideologia integralista. Seus escritos deveriam promover propaganda caráter persuasivo visando angariar novos adeptos (letrados, militares e civis); estabelecer uma rede de letrados engajada e atuante nos meios de comunicação, fossem ou não integralistas; resgatar conceitos e práticas conservadoras, capazes de reascender a essência do nacionalismo brasileiro, nacionalismo este ameaçado pelo internacionalismo bolchevique.

Mas, uma característica trouxe muitos adeptos às suas fileiras em todo país. O Integralismo declarava-se um movimento *apartidário, sem pretensões políticas*, preocupado em solucionar o problema da *crise* e da *desordem* que imperavam no Brasil, de forma rápida e eficiente. A solução seria restabelecer a antiga organização patriarcal, conservadora e hierarquizada existente no país até as primeiras décadas do século XX. O clima de insegurança, incerteza e medo, estabelecidos no cotidiano do país desde o Golpe de 1930, pintavam o cenário propício para propagação do discurso autoritário defendido pela AIB. A possibilidade de promover os homens das letras a postos de lideranças de Estado, em uma verdadeira empreitada nacionalista, confortou a alma dos órfãos do século XIX e engajou na causa aqueles que se viam como preparados, como escolhidos pelas letras para liderar uma revolução cultural urgente e necessária ao país.

Em 20 de maio de 1935, o Coronel Francisco Cascudo foi vítima de um infarto que o levou a morte. Câmara Cascudo perdeu ali seu maior referencial de vida. A partir dali, passou a acumular as obrigações e funções de mantenedor das despesas do lar e de pai. Desde 1929, já se encontrava casado com Dáhlia Freire, e em 1931 nasceu o primeiro dos seus dois filhos do casal, que recebeu o nome de Fernando. Segundo nota publicada em *A República*, no dia 21 de maio de 1935, Francisco Cascudo ocupava à época o cargo de presidente da Junta Comercial do Rio Grande do Norte, cargo por ele presidido desde a década de 1910.

Rodeado por problemas pessoais e mergulhado na crise ideológica do período, Cascudo parece ter percebido no programa da AIB o espaço ideal para se situar institucionalmente, um lugar com pessoas de perfil conservador, cristão, pessoas letradas com quem poderia tecer redes com influentes figuras das letras e da política nacional. O movimento de Plínio Salgado apresentava um plano revolucionário, aos moldes integralistas, no qual Cascudo poderia participar ativamente. A participação no movimento seria uma forma de angariar projeção nacional para seu trabalho intelectual; ocupar lugares centrais nas primeiras fileiras da AIB lhe proporcionaria papel central na hierarquia organizacional integralista a nível nacional.

Nunca é demais lembrar. O discurso integralista era autoritário e, de forma geral, defendia os interesses da classe média urbana conservadora, a mesma da qual Getúlio Vargas buscava conquistar a simpatia em seus primeiros anos de governo ditatorial. Entretanto, tinham um velho inimigo em comum: os comunistas. Para ambos, a classe média era frágil e fortemente influenciável pelo discurso bolchevique. Foi nesse ponto

de intercessão dos discursos autoritários que uniu varguistas e integralistas, mesmo desafinados e contraditórios seguiram em certo compasso até o fatídico ano de 1937.

Cascudo é um exemplo desta contradição. Mesmo Vargas tendo sido um dos responsáveis indiretos pela crise que levou à falência seu pai, seria impossível a Cascudo inserir-se num plano superior da política nacional sem se alinhar ao discurso promovido pelo Estado Interventor. Aliás, a figura de liderança exercida por Getúlio Vargas fascinou sobremaneira importantes nomes da política e do mundo das letras. Muitos foram convidados e trabalharam para Vargas, tanto diretamente, quanto, já no Estado Novo, através dos poderosos ministérios comandados por Gustavo Capanema e Lourival Fontes.

A política estava marcando Cascudo na pele e a crise financeira não perdoava. As responsabilidades e obrigações familiares cobravam seu preço diuturnamente. A vida financeira da família estava complicada, angústia percebida em carta enviada a Mario de Andrade, na qual Cascudo relata a perda do *Principado do Tirol* para os credores.

A minha situação pessoal é esta. Moramos os velhos e nós, na Avenida Junqueira Aires 393 porque os credores nos tomaram a 596 na Jundiá (...). Continuo como professor interino de história, ganhando 500\$. À disposição da pena do interventor que demite catedráticos quanto mais interinos. Posto à margem dos ganhos por ser pôlista e perrepista (em Natal porque em São Paulo era democrata) faço milagres para viver porque a vida se encarece e eu não tenho aumento financeiro para acompanhar os preços. Cada dia devo diminuir os gastos, privando-me de hábitos velhos, inclusive de comprar livros.¹⁰

O desamparo financeiro e pessoal de Cascudo salta os olhos, na denúncia da inflação, do baixo salário como professor, além da condição em si que levou ao despejo da casa dos pais no Tirol. Outro ponto importante. Cascudo se posiciona politicamente a favor dos golpeados, se declarando perrepista em alusão ao PRP de São Paulo. A situação crítica é acentuada por uma pretensa perseguição promovida pelo Interventor Federal no Estado. Cascudo vivia um período de insegurança existencial, perdendo aos poucos os alicerces de sustentação, impondo-lhe uma responsabilidade que não tivera até então, logo, o discurso integralista surgia como um patamar que lhe garantiria segurança e de alguma forma espaço de projeção.

O projeto integralista de uma *revolução cultural* atraiu a atenção de Câmara Cascudo também por motivos filosóficos. Ambos viam a cultura como objeto de transformação. Cascudo e Salgado foram estudiosos e leitores de conservadores, além de homens de forte influência catolicista, além de suas histórias de vida terem sofrido traumas comuns causados pela crise financeira de 1929 e suas consequências para as oligarquias brasileiras em declínio.

Para muitos o integralismo significava a esperança de encontrar um lugar na produção cultural nacional, um espaço de segurança existencial e com ressonância. A

¹⁰ GOMES, E. M. R. de Sá, 1999, p. 310.

organização hierárquica e patriarcal da AIB parece dar a Cascudo um conforto espiritual, algo seguro, com a figura do chefe, detentor do controle, representado na figura de Plínio Salgado. O preenchimento da figura de liderança substituiria o espaço simbólico deixado por seu pai. A perda do pai é algo significativo e presente em praticamente todos os relatos sobre o período, fazendo deste um divisor de águas na vida de Câmara Cascudo.

A entrada na AIB e a busca por uma identidade

Ao assumir a presidência do Núcleo da Ação Integralista no Rio Grande do Norte, em 14 de julho de 1933, Câmara Cascudo passou a vestir sua camisa verde e assumir um firme discurso quanto ao seu posicionamento político e ideológico, algo raramente visto em seus relatos biográficos posteriores. Em sua posse afirmou:

Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os partidos políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de uma renovação social. Não pertenço a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão de minha atitude, assumida publicamente em 14 de julho de 1933.¹¹

Cascudo utiliza como justificativa o *apartidarismo* da AIB para sua aproximação com o movimento. Basta lembrar o quão frustrado estava com a política nacional, uma vez que a forma moderna da política republicana pôs fim a uma estrutura responsável pela estabilidade financeira e política da família Cascudo por anos a fio. Para ele, apenas um sistema de organização hierarquizado restabeleceria o controle das crises e a da desordem do país agravada pelo avanço da modernidade liberal.

A noção de crise e desordem parece ter sido uma constante no cotidiano e no imaginário da sociedade brasileira durante a década de 1930. Em seu livro, *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*, Azevedo Amaral usou o termo “anarquia de ideias” para definir o cotidiano brasileiro do período. Segundo ele:

Desde 1930 vivera o Brasil envolvido em uma atmosfera de confusão ideológica, no meio da qual era difícil determinar o verdadeiro sentido das correntes que se contraditavam e apreciar com acerto as tendências pessoais dos homens representativos da situação surgida do movimento de outubro. Nunca havíamos experimentado, através de todo o nosso passado nacional, semelhantes condições de perturbadora anarquia de ideias e de falta de orientação dos elementos que personificavam as forças dirigentes da política nacional. As expressões clássicas de direita e esquerda e os rótulos ultramodernos de escolas e doutrinas da atualidade podiam ser distribuídos quase ao azar, tão rápidas e surpreendentes eram as evoluções em que as peças do jogo político se deslocavam de um campo para o outro sob a pressão de circunstâncias ocasionais e de incidentes efêmeros.¹²

Escrito em 1938, o trecho chama atenção para o conturbado ambiente político característico dos anos trinta. No seu livro, Azevedo Amaral busca justificativas teóricas e políticas para implantação do Estado Novo de 1937, defendendo, obviamente as práticas

¹¹ *A República*. 4 set. 1934.

¹² AMARAL, 1938.

autoritárias, vistas como necessárias, para implantação da ordem naquele caos. Logo, a figura de liderança imposta por Getúlio Vargas se fazia mais que necessária. Obviamente, outras soluções para o caos também foram propostas, dentre as quais, uma que propunha o combate à “anarquia de ideias” por meio de uma *Revolução Cultural*, promovida por lideranças letradas, eruditas e intelectuais. Cascudo escolheu a segunda.

Os letrados como ponta de lança no processo de restabelecimento da ordem, e da hierarquia no Brasil, foi um atrativo significativo para adesão de Cascudo ao projeto de Plínio Salgado (mais à frente estabeleceremos de que forma esses discursos se associaram). O combate à *anarquia de ideias*, torna-se central para compreender a entrada de Cascudo na AIB. Antes de ser um erudito engajado no combate à crise de ideias existente no Brasil, Cascudo era um homem afetado por variado número de crises (familiares, econômicas e profissionais) e, assim como vários outros homens de pensamento conservador de sua época, sentiu-se atraído pelas propostas de Plínio Salgado e seus seguidores.

Cercado em seu cotidiano por figuras políticas das mais variadas posturas ideológicas, Cascudo visualizava no integralismo uma forma de se situar estrategicamente, sem necessitar vincular-se a nenhuma corrente política local. Dessa forma pôde manter-se camuflado de acordo com o terreno, variando as cores, tornando-se um sujeito de situação “apartidária”, livre para circular, adaptando seu discurso político para situações que lhe fossem convenientes.¹³

Ao se afirmar apartidário, Cascudo está, obviamente, tomando uma postura política. De forma neutra, pode circular sem amarras ideológicas entre as lideranças locais e nacionais, abrindo espaços nos altos escalões da política local e em contato com atores nacionais importantes. Cascudo foi crítico feroz da política partidária e se definir como “apartidário” lhe permitiria permanecer equidistante das querelas políticas locais, em um momento de fragilidade pessoal em que a confusão política do período não lhe permitia se posicionar sem que houvesse consequências adversas no momento ou no futuro. A escolha de Cascudo tem posicionamento estratégico, logo, é político.

Letras, cultura e a atração pelo projeto Integralista

Ao refletirmos historicamente sobre a primeira metade do século XX, a década de 1930 é um período especialmente diferente, pois é frenético. É caracterizado por inúmeros problemas e conflitos nas mais vastas extensões do mundo. No Brasil, chama atenção nesse período a quantidade de pensamentos ideológicos difusos na atmosfera da política nacional e a fertilidade de problemas ocasionados na esfera política. O Brasil viveu o acirramento ideológico e político entre correntes de direita e de esquerda, produzindo uma quantidade enorme de fontes de pesquisa das mais variadas tipologias.

No Brasil, em especial, os anos trinta produziu teses das mais variadas contrárias

13 A AIB torna-se um partido político apenas em 1934, como forma de poder concorrer às eleições deste ano e angariar posições políticas para seus membros.

ao liberalismo pós Primeira Guerra Mundial. O pensamento liberal e a democracia eram apontados como responsáveis pelo momento de crise existente no mundo ocidental, fazendo desabrochar diversos movimentos críticos ao liberalismo no país. Havia anarquistas, comunistas, republicanos, monarquistas, integralistas, e, nesse confuso baile de pensamentos, não raro, alguns mudavam de corrente dada a profusão ideológica no período.

Dentre os movimentos políticos que constituíram o cotidiano e o imaginário brasileiro nos anos 30 do século XX, a AIB caracterizava-se por ter em seus quadros homens de variadas formações políticas, ideológicas e culturais. Tida como um movimento de característica organizacional fascista e autoritária, a AIB foi definida como: “um movimento de cultura que abrange: 1º) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século e, conseqüentemente, das ciências sociais econômicas e políticas, 2º) a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente o século passado”.¹⁴

Suas fileiras estavam formadas por membros ligados, direta ou indiretamente, aos segmentos mais tradicionais e conservadores da sociedade brasileira. As lideranças, em sua maioria, eram militares e letrados católicos com formação tradicional, inclusive contando em suas fileiras com remanescentes da extinta Guarda Nacional.

Os letrados eram, em grande medida, ligados tradicionalmente às antigas oligarquias da chamada Primeira República, membros de falidas oligarquias,¹⁵ vítimas da crise de 1929. No contexto, se viam como perseguidos – como bem Cascudo lembrou anteriormente – por se posicionarem na defesa dos poderes oligárquicos locais, já dilacerados pela política interventorial varguista. A proposta integralista criou espaço de fala para os órfãos do século XIX e de suas tradições hierárquicas.

Dentro de uma aparente homogeneidade entre os membros da AIB, encontramos sujeitos de características políticas diferentes. Usaremos dois desses líderes para trabalhar e, analisando discursiva e genealogicamente¹⁶ suas ideias, buscaremos encontrar nas discontinuidades, nas lacunas dos seus discursos justamente o que fez com que homens politicamente diferentes formassem a cúpula de um movimento autoritário e conservador como este. Estabelecendo semelhanças entre a proposta integralista e os interesses desses letrados, surge uma justificativa comum para, mesmo diferentes, atuarem junto nas fileiras da AIB. Através da quantidade de fontes disponíveis, vejamos dois letrados considerados importantes na estrutura da AIB, mesmo que em patamares hierárquicos distintos: Plínio Salgado e Câmara Cascudo. A escolha deles permite estabelecer relações entre a realidade local e a realidade nacional.

Filho do Coronel Francisco das Chagas Salgado, o escritor paulista Plínio Salgado,

14 SALGADO, 1934, p. 87.

15 MICELI, 1997.

16 FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. 2006.

autor de *O estrangeiro* – conceituada obra do círculo modernista – foi quem deu início ao projeto da AIB, em 1932, com a fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Meses depois, em pronunciamento no Teatro Municipal de São Paulo, Plínio Salgado anunciou o Manifesto de Outubro, no qual definiu a proposta da Ação Integralista Brasileira e deu um caráter institucional ao movimento, oficializando a AIB como uma sociedade cultural e política.

O interesse de Plínio Salgado pela fundação de um movimento com as características da AIB, surgiu em uma viagem que fez em 1930 à Europa e à Ásia, como preceptor do filho de Souza Aranha, onde conheceu de perto o projeto fascista italiano. Salgado fora um dos líderes do movimento artístico de caráter nacionalista denominado “Anta”. Ao ter contato com a ideologia fascista, teria observado na estrutura nacionalista, organizacional e ideológica do movimento de Mussolini uma forma de fundar no Brasil um movimento nacionalista de bases autoritária e tradicional. Assim, ao retornar ao Brasil fundaria a AIB, sendo seu líder de 1932 até 1938, ano da proscrição do movimento pelo Governo Vargas. Em 1939, Plínio Salgado se exilou em Lisboa após constantes pressões políticas, retornando ao país em 1945 após o fim do Estado Novo.

Respeitado membro da elite letrada potiguar, Câmara Cascudo entrou na AIB em 1933, ocupando dentre outros cargos, a chefia da Província Integralista do Rio Grande do Norte e uma vaga na chamada Câmara dos 400 da AIB. Conhecido por ser um escritor compulsivo, Cascudo escreveu para publicações integralistas, a partir de temáticas que buscavam resgatar através dos estudos da cultura nacional e do folclore as raízes da nacionalidade brasileira, contribuindo para propaganda ideológica integralista.



Fotografia tirada em Natal com alguns integralistas potiguares na década de 1930. Na primeira fileira Câmara Cascudo é o segundo da direita para a esquerda, ladeado à sua esquerda pelo desembargador Sinval Moreira Dias e à sua direita pelo professor Otto de Brito Guerra.

FONTE: <https://fatosefotosdenatalantiga.com/o-movimento-integralista-natalense/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Cascudo permaneceu na AIB até 1937 quando do Golpe estadonovista. Diferente de Plínio Salgado continuou no Brasil e apoiou a política varguista até o fim do Estado Novo, deixando evidente as diferentes posturas políticas adotadas por esses dois homens no momento de maior crise do movimento integralista.

Dentro da produção desses dois sujeitos, tentaremos articular os discursos que uniram homens heterogêneos em torno de uma causa única e própria. O que levou sujeitos distintos a unirem-se em torno do Projeto Integralista? O que os uniu? A análise dos discursos propõe identificar, estabelecer comparações e, principalmente, encontrar a interseção nos discursos unificadores destes “homens das letras”.

O projeto, a união e o que os atraiu...

Com a fundação da AIB, em 1932, Plínio Salgado iniciava um projeto ambicioso baseado na força dos letrados brasileiros. Seu discurso era direcionado à juventude burguesa, principalmente estudantes das faculdades brasileiras em formação ou há pouco formados.

Em sua maioria, a juventude em formação ou recém-saída das universidades brasileiras (na primeira metade do século XX) era formada por filhos e/ou aparentados das oligarquias locais em seus respectivos estados. Seriam portadores dos valores tradicionais e, como assim como vítimas, estariam preparados intelectualmente para enfrentar a modernidade, formando um corpo preparado, dando sustentação ideológica ao discurso e formando as futuras lideranças das fileiras integralistas.

A liderança integralista era suficientemente sensível com relação à perturbação ideológica brasileira, sabia da instabilidade social reinante após 1930 e foi em busca dos desamparados, dos alijados do poder. O discurso da propaganda focou na classe média e em seus anseios, logo, para entender seu objetivo, “para compreender o discurso dos integralistas é fundamental ter em mente que falavam a um público considerado inseguro, medroso e a espera do grande líder que lhes oferecesse proteção”.¹⁷

Quando se procura um denominador comum para os letrados da AIB, um traço característico, percebe-se que a interpretação acerca do conceito de *cultura* é bastante semelhante entre os letrados integralistas. Plínio Salgado e Luís da Câmara Cascudo foram homens que trabalharam a cultura de modo semelhante. Coincidência ou não, buscavam trabalhá-la a fim de encontrar na *cultura popular* os vestígios, os traços das tradições sociais brasileira, elementos mantenedores de nossa alma e de nossa identidade. Estes vestígios, na verdade, carregavam traços de uma sociedade estamental, das tradições sociais do século XIX, segundo os quais estariam assentadas o cerne do nacionalismo brasileiro.

No livro *A Quarta Humanidade*, Plínio Salgado descreve a população brasileira como desorientada, sem rumo, em realidade próxima à dos homens das cavernas, quadro próximo à “anarquia de ideias” descrita em 1938 por Azevedo Amaral. Para Plínio

17 FREITAS, 1998, p. 33.

Salgado, cabia ao integralismo brasileiro, com sua capacidade intelectual e seu quadro de homens pensantes, conclamar a juventude brasileira a promover uma revolução cultural, participando da formação da humanidade integral e perfeita, baseada na lógica integralista da formação da “Quarta Humanidade”.¹⁸

A juventude brasileira era o principal alvo do discurso integralista – assim como era no discurso nazifascista europeu. No integralismo, só a juventude seria capaz de entender os objetivos da AIB e em aliança destes com os letrados – naturalmente preparados –, reuniriam condições de resgatar a cultura popular e, conseqüentemente, cunhar o espírito nacionalista almejado pela nação brasileira. Aos letrados coube a tarefa de promoção do pensamento integralista fundamentado em três aspectos: nacionalismo, tradicionalismo e catolicismo, temas caro às classes conservadoras médias e altas da sociedade brasileira do período. Aos mais jovens, a força para formar fileiras e defender no espaço público os ideais integralistas.

No melhor dos cenários pensados pela AIB, o povo era visto com o detentor da cultura legitimamente nacional, mas, na maioria das vezes, não tinha a consciência e nem reconhecia deter essa cultura de fato. O povo aparece nos escritos de Salgado como “um monstro inconsciente e estúpido”, logo, seria função e obrigação social da AIB domar esse monstro e adaptá-lo para o Estado Integral, pautados no princípio conservador e cristão: “Deus, Pátria e Família”.

Para os letrados integralistas parecia lógico e natural pensar o povo como um espaço vazio sedento por “cultura nacional”. Ver o povo como ignorante, aliás, era uma visão amplamente difundida entre as classes políticas e os membros da elite econômica, as mesmas que deram origem à maioria das lideranças integralistas. Para os letrados integralistas o povo não tinha capacidade de interrogar-se, não sabia as origens daquilo que possuía. Não era dever do povo, era o dever do intelectual instruir a população rumo a um país organizado em bases hierárquicas sólidas sob a liderança daqueles capazes de ensinar a verdadeira cultura nacional aos brasileiros, um Brasil que sumiu junto com o século XIX e definitivamente sepultado pelo liberalismo ocidental após a Primeira Guerra Mundial.

Por isso, dentro da proposta da AIB, Plínio Salgado almejava a elevação do nível cultural do povo, de modo a possuir nos quadros integralistas homens interessados em liderar a tal elevação cultural. Agregando o maior número de letrados dispostos a uma *revolução cultural*, seria capaz restabelecer a ordem no país. Interessante notara a ideia de revolução não parte de um princípio de passagem a um estágio mais avançado do social, da economia e do cultural, mas um retorno a princípios superados e desgastados. Exista, na verdade, um forte traço saudosista, pautado em uma ideia de cultura popular elitista, em muito enraizada no discurso conservador das vivandeiras do Império.

Câmara Cascudo e Plínio Salgado compreendiam o conceito de *cultura* como uma

18 SALGADO, 1934.

ferramenta utilizada na busca para se encontrar a origem de algo ou como uma coleção de técnicas aprendidas; que, deslocadas e adequadas a realidades distintas, poderiam ser moldadas, forjadas e aplicadas em uma sociedade, independente do tempo. Para Cascudo, a *cultura* podia ser entendida como “um conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e **ensino**” [grifos meus].¹⁹

Para Cascudo, a cultura não era algo dado, era algo ensinado, logo, poderia ser utilizada como mecanismo de educação. Entendida como um conjunto de técnicas, poderia ser ensinada e replicada de acordo com a visão do letrado, único capaz de compreender a essência da “verdadeira cultura nacional”. Ainda, segundo Cascudo, “a cultura compreende o patrimônio tradicional de normas, doutrinas, hábitos, acúmulo de material herdado e acrescido pelas aportações inventivas de cada geração. Mas esse patrimônio não abrange a totalidade das outras culturas possuidoras dos mesmos elementos constitutivos.”²⁰

Essa proposta para o conceito de cultura cai como uma luva aos interesses e propostas da AIB. Nela, letrados como Cascudo deveriam ter espaços de liderança pois seriam os “educadores” da nova nação brasileira, uma sociedade pautada em valores conservadores, cristãos e tradicionais da sociedade brasileira do século XIX.

Nos escritos integralistas de Câmara Cascudo, percebe-se que o sentimento de nacionalidade era um dos fatores que mais lhe atraía na proposta da AIB. No principal jornal integralista, *A Offensiva*, Cascudo revelou o angustiante sentimento de um homem que lutava para resgatar suas origens, seus heróis. Seus artigos culturais buscavam ressuscitar símbolos tradicionais do período imperial brasileiro, os quais segundo ele, estavam caindo no esquecimento após a Proclamação da República no Brasil.

Como folclorista, a função do erudito potiguar provinciano consistia em resgatar heróis, lendas e mitos por meio dos seus artigos publicados nos periódicos integralistas. Tais resgates buscavam evidenciar a importância dos letrados na recuperação da memória nacional. Lutando pelo sentimento nacional esses homens, como Cascudo e Salgado, viam na *revolução cultural* proposta pela AIB a forma mais coerente de se promover uma mudança estrutural no país (embora para nós do século XXI pareça mais uma proposta utópica e romântica do que racional).

A propaganda promovida pela AIB nos seus meios de comunicação fazia constantes referências aos seus líderes letrados, dando-lhes postos de heróis, paladinos, homens capazes de promover mudanças, situando-os em ordens culturais importantes, evidenciando e dando credibilidade a seus colaboradores. Em setembro de 1937, *A Offensiva* publicou uma nota sobre Cascudo evidenciando sua relevância pública no Rio Grande do Norte, bem como sua destacada atuação nos quadros da AIB, lhe garantido espaço na cobiçada *Câmara dos Quatrocentos*.²¹

19 CASCUDO, 2004.

20 *Ibid.* p. 41

21 “Foi instituída como órgão consultivo do chefe nacional da Ação Integralista Brasileira (AIB) um ano após a formação da Câmara dos Quarenta, com a finalidade precípua de incorporar personalidades das “diversas províncias integralis-

Câmara Cascudo uma das expressões mais patrióticas, uma das personalidades mais decididas. Veterano do nosso movimento, antigo Chefe Provincial do Rio Grande do Norte, atual membro da “Câmara dos Quatrocentos” da AIB, vulto de destaque na sociedade potiguar, onde ocupou cargos de relevância na vida pública, aquele nosso companheiro merece toda a nossa admiração e todo o nosso louvor.²²

Câmara Cascudo aparece para o imaginário do leitor integralista como um paladino, moralmente um respeitável, homem da sociedade tradicional, apto, capaz de conduzir o povo em direção a uma revolução que será recompensada pela instauração da tão desejada “Quarta Humanidade”. O interessante é perceber Cascudo como um veterano do movimento, participe desde as primeiras horas, aliado incontestemente e uma “das personalidade mais decididas” dos quadros da AIB, carregado de signos caros ao integralismo e sua ideologia.

Cascudo se tornava para a AIB um dos intérpretes da cultura nacional, pois era capaz de como, estudioso da cultura popular, interpretar os sentimentos mais tradicionais do povo brasileiro. Caberia a ele e aos demais letrados, ensinar/resgatar a legítima *cultura* nacional resguardada na inocência do povo, verdadeiro guardião da legítima cultura popular, mesmo sem saber. Os letrados integralistas, caberia a função de reorganizar a mentalidade popular dentro a partir dos princípios e da hierarquia integralista. A cultura poderia ser moldada e aplicada, como sempre foi uma característica história das culturas ao redor do mundo. Para Cascudo, “a lição, nem por todos percebida, é que cada povo organizará a sua civilização e que as culturas constituintes devem ser livremente escolhidas, mantidas ou **criadas na mentalidade nacional reajustadora**”.²³

A similaridade de pensamento é clara: as culturas podem ser moldadas a partir de interesses e poderes específicos. No integralismo a definição de cultura é fundamentada pelo pensamento de Plínio Salgado. Com rígida hierarquia organizacional, na qual o líder maior era o responsável pela definição oficial do movimento, os conceitos eram estabelecidos por Plínio Salgado em nome da AIB. Para ele, o conceito de cultura deveria ser entendido como “a posse de determinados conhecimentos, tais como os ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência. Cultura era, por conseguinte, um bem que podia ser transmitido por aqueles que a possuíam”.²⁴

Perceba. Por esses princípios o povo não teria cultura, mas os letrados integralistas sim. Eles seriam os intérpretes e definidores de uma verdadeira ideia de *cultura*; o povo seria o guardião dos resquícios da tradição nacional brasileira, mesmo, muitas vezes sem saber. Por isso a importância de Cascudo como um intérprete da cultura popular. O gérmen

tas”, uma vez que a participação na câmara mais restrita exigia “residência fixa na capital do país”. Enquanto a Câmara dos Quarenta deveria transformar-se no futuro senado integralista, a Câmara dos Quatrocentos, na hipótese da tomada do poder, seria convertida, na fase transitória do Estado integral, em câmara corporativa, antes da implantação integral do sistema de corporações”. TRINDADE, Hélgio. Câmara dos Quatrocentos. Verbete. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC/FGV.

22 *A Offensiva*. 18 set. 1937.

23 CASCUDO, 2004, p. 42. Grifos meus.

24 CAVALARI, 1999, p. 42.

do nacionalismo na sua mais pura essência estava adormecido junto com o povo; Cascudo, Salgado e outros, vestem-se como líderes e “apressam-se em defender a cultura popular dos ataques que o progresso estaria lhes deferindo, adotando uma postura paternalista e essencialmente museológica”.²⁵

Letrados de renome nos salões literários, artísticos e intelectuais do Brasil, muitos dos quais ligados ao movimento modernista de 1922, quando integralistas, atuaram como *agentes da consciência e do discurso do povo*,²⁶ adotando uma postura conservadora e reacionária aos excessos modernos da pulsante sociedade liberal burguesa. A forma como entendiam a noção de cultura e utilizavam esse conceito como justificativa de suas atuações políticas e sociais, lhes garantiam um espaço de destaque perante outros colegas, além de uma perspectiva de lideranças nacionais após a tão almejada revolução cultural. Ao mesmo tempo que se colocavam como sujeitos capazes de interpretar a cultura popular, buscavam forjar uma cultura nacional unificada, moldada com base nos princípios integrais e nos interesses de uma nação forte e centralizada. Só assim seria possível domar o “monstro inconsciente e estúpido” e colocá-los nos trilhos de um Estado-Nação forte.

Moldado ao que seria os interesses dessa Nação (obviamente liderada pelos letrados integralistas) o nacionalismo defendido e resgatado pela AIB valorizará a imagem da um autêntica raça e de uma cultura brasileira enfileirada em organização hierárquica do Estado brasileiro. “Essa ideia de autenticidade valorizava os elementos da cultura indígena, da cultura cabocla, do homem sertanejo, da pessoa do interior. A nação era o grande mito integralista. A união entre os interesses da nação e a ação do Estado deveria ser organizada por um único partido, a Aliança Integralista”.²⁷

A compreensão de *cultura* discutida até aqui, estabelece um ponto chave na reunião de letrados brasileiros em prol do integralismo. A visão elitista acerca do conceito de *cultura* explica sobremaneira como a AIB foi capaz de reunir letrados dispersos por todo país. A *cultura* como busca da origem do sentimento nacionalista é o ponto convergente entre homens de posturas diferentes, mas unidos em torno de um tema em comum. Em meio a todo caos político vivenciado no Brasil, ter uma nação liderada por homens das letras era um alento para os que viram na *revolução cultural* da AIB a oportunidade de aplicarem seu capital intelectual em um projeto que, em dando certo, lhes garantiria prestígio e poder, rendimentos que até então as letras não haviam proporcionados a muitos.

Se por um lado Marx e seu *manifesto comunista* convocava o operariado do século XX para defesa dos interesses da classe proletária em uma manifestação internacionalista de união contra os aparatos repressores do capitalismo, a Ação Integralista Brasileira conclamou os diferentes letrados brasileiros em torno de uma causa única: promover uma revolução cultural de contra a “anarquia de ideias” existente no Brasil na década de 1930.

25 OLIVER, 1984, p. 44.

26 FOUCAULT, 1997, p. 71.

27 FREITAS, 1998, p. 44.

Sob o lema que foi a bandeira em toda sua trajetória, “Deus Pátria e Família”, os integralistas conciliaram seus ideais com sua força de persuasão através de seus letrados e atenderam a conclamação de Plínio Salgado, que em seus escritos exaltava: “despertemos a Nação (...) será mais uma clarinada conclamando os moços a virem formar a grande força capaz de construir a grande Pátria”.²⁸ O desejo de todos os integralistas era uma vitória da *cultura letrada* sobre o avanço devastador do liberalismo. A ideia pode ser ironicamente assim definida: *Letrados de todo Brasil uni-vos!*

28 SALGADO, 1934, Apresentação.

OS ESCRITOS CASCUDIANOS E A OPORTUNIDADE DE EXPRESSAR-SE POLITICAMENTE

Zelar pelo passado, através de seus autênticos testemunhos, é sem dúvida obrigação precípua do historiador. Mas obrigações que, justamente para ser coerente, requer que se denunciem com vigor o simples pastiche ou a vontade de se ressuscitarem monumentos e instituições de eras transatas.¹

Sérgio B. de Holanda

Um importante fator a ser considerado na relação entre Cascudo e a Ação Integralista Brasileira é o lugar de destaque ocupado pelo erudito no projeto pensado por Plínio Salgado.

Respeitado folclorista brasileiro, Cascudo pertenceu à *Câmara dos Quatrocentos*, a segunda fileira na escala hierárquica da AIB. Dentro do projeto integralista a ele foi reservado um amplo espaço, desde publicações nos grandes periódicos integralistas (principalmente nas publicações de caráter nacional, como no jornal *A Offensiva* e nas revistas *Anauê* e *Panorama*) até a ocupação de importantes cargos administrativos nos quadros da AIB. Ilustre figura do cotidiano natalense foi considerado, o mais importante membro do Núcleo Provincial da AIB no Rio Grande do Norte, tornando-se, em 1933, chefe Provincial Integralista. Com forte influência sobre os letrados norte-rio-grandenses, conseguiu angariar para as fileiras verdes figuras expressivas da sociedade conservadora potiguar, como o Monsenhor Walfredo Gurgel, influente liderança católica e referência política no Seridó, importante região do interior do Rio Grande do Norte.²

A ocupação de cargos de destaque na AIB, a crença no projeto de Plínio Salgado, unido ao apoio do Poder Federal ao movimento a partir de 1933, fez Cascudo pôr em prática sua formação erudita e letrada em nome do projeto político integralista. Após a crise pessoal e financeira por que passou; acumulando a perda quase total do patrimônio familiar, Cascudo passou a investir no capital letrado obtido tanto em sua formação como bacharel pela Faculdade de Direito do Recife quanto por sua condição de formador de opinião, na condição de escritor e jornalista. Nessas bases, passava a ser necessário ressignificar as alianças no Rio Grande do Norte, para novamente voltar a atuar no cenário político local. E assim foi feito.

A necessidade de alianças e o uso das máscaras no cenário político

Entre 1933 e 1934 Cascudo iniciou seu processo de saída do ostracismo político local, ao qual foi posta a família após falência financeira em fins da década de 1920. Na

¹ HOLANDA, 2004.

² Os núcleos integralistas no interior do Rio Grande do Norte foram extremamente atuantes, tendo uma participação efetiva da sociedade católica devido a forte influência do clero nas políticas locais, por exemplo, no caso de Caicó, conhecida por ser um reduto formador de lideranças católicas no Rio Grande do Norte, sendo Dom Eugênio Sales (que não foi integralista) o mais destacado dentre as crias da Igreja Católica no Seridó.

correspondência trocada com o escritor Mario de Andrade, já se queixava da perseguição que os interventores federais vinham promovendo a figuras públicas locais, desde pelo a *Revolução de 1932*, ocorrida em São Paulo. Em resposta, encontramos o letrado potiguar sensível à situação do colega paulista, denunciando de imediato as perseguições que vinha sofrendo cotidianamente. Além de tecer duras críticas à política autoritária do Governo de Vargas, Cascudo denunciava a perseguição impetrada pelos interventores federais no Rio Grande do Norte.

Começou para nós o domínio da chibata e da loucura financeira. O interventor irmanado com o Chefe de Polícia, multiplicou os empregos para os seus apaniguados [sic] e uma série de infâmias foi serenamente positivada (...) bruscamente iniciaram o que A REPÚBLICA chamou de repressão ao surto perrepesta.³

A resposta de Cascudo ao colega Mario parece clara e soa solidária aos perseguidos pelas interventorias, assim como ocorria a ele em Natal. A postura de Mario naquele momento é de um opositor ferrenho ao regime varguista, inclusive em posturas públicas a favor dos revoltosos paulistas contra a ditadura federal. As denúncias de Cascudo contra a perseguição sofrida desde a implementação do Golpe em 1930, reforçam a hipótese de que esse período foi marcado por seu ostracismo junto às lideranças tradicionais locais.

A correspondência entre eles foi trocada durante a gestão interventorial de Bertino Dutra da Silva no Rio Grande do Norte. A análise das fontes um Cascudo desamparado, momento de distanciamento do poder político institucionalizado. Estamos falando de um período de implantação forçosa do regime ditatorial de Vargas, onde os diálogos eram raros e efêmeros, estabelecendo um clima de completa perda de identidade das elites e dos espaços políticos tradicionais do Estado. A falta de afinidade de Cascudo e das lideranças tradicionais do Estado reportam clima hostil até por volta do ano de 1933, quando, no intuito de acalmar os ânimos políticos locais, Getúlio Vargas sede à pressão e nomeia um interventor com trânsito entre as lideranças da política tradicional potiguar.

Mário Leopoldo Pereira da Câmara, assume a interventoria potiguar no segundo semestre de 1933. A partir daí, inaugura-se um período de estreita relação profissional e pessoal do interventor com Cascudo, estabelecendo a *pax* entre integralistas e varguistas.⁴ No ano de 1934, Cascudo foi convidado a se incorporar a comitiva do interventor Mario Câmara, para juntos viajar pelo sertão norte-rio-grandense. Durante a viagem com Mario Câmara, Cascudo escreveu uma série de textos, todos em forma de relatos de bordo, publicados inicialmente no jornal *A República*, em coluna intitulada “Viajando o Sertão”. Mais tarde reunidos, os artigos foram publicados em livro patrocinado pela *Imprensa Oficial*, órgão estadual de publicações com o mesmo título da coluna de *A República*.⁵ Na ocasião,

3 GOMES, 1999, p. 310.

4 Bertino Dutra da Silva foi interventor federal no Rio Grande do Norte no período entre 1932 e 1933. A partir do segundo semestre de 1933 assumiu a interventoria potiguar Mario Leopoldo Pereira da Câmara que ficou no Estado até 1935.

5 *Viajando o Sertão* teve sua primeira edição publicada no segundo semestre de 1934. Composto por dezoito crônicas escritas por Câmara Cascudo, em viagem realizada entre 16 e 29 de maio de 1934. A publicação em livro reúne os

ocorreram inaugurações de repartições, escolas e hospitais públicos. Aliás, uma viagem que custou caro a Cascudo, rendendo duras críticas ao interventor por parte da oposição, principalmente as feitas *Partido Popular* no Rio Grande do Norte.

Ao retornar da viagem com o interventor Mario Câmara, Cascudo foi denunciado ao Superior Tribunal Eleitoral (STE) por recebimento indevido de recursos públicos. Para a oposição, representada na figura do ex-governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros (fundador do Partido Popular no Rio Grande do Norte, em 1933, e da UDN, em 1945), os recursos recebidos por Cascudo serviram para investimentos e aparelhamento do núcleo da AIB local, exigindo explicações oficiais junto ao STE.

Na representação que o dr. José Augusto levou ao Presidente do Superior Tribunal Eleitoral, em data de 26 de agosto p. p., no item "Suborno", leio: - " - Pagamento de quatro contos e tantos mil réis a um Chefe Integralista que desde logo se transforma em orador das caravanas interventórias". Professor de História do Brasil e Diretor do Atheneu Norte Rio Grandense, recebi meus vencimentos em janeiro de 1930, negociando com o Banco do Rio Grande do Norte meus honorários de fevereiro a junho, apenas a terça parte, isto é, 166\$ mensais num total de 1:130\$000. [...]

A Interventoria abriu o crédito necessário para saldar o débito do Estado para comigo, seu credor. Decreto n. 613 – de 27 de abril de 1934, **Abre crédito especial de 4:948\$110 para pagamento ao bacharel Luiz da câmara Cascudo.**⁶

José Augusto afirmou ao STE que aconteceu o "pagamento de quatro contos e tantos mil réis a um Chefe Integralista que desde logo se transforma em orador nas caravanas interventórias".⁷ Cascudo respondeu à crítica de José Augusto através do *Diário Oficial do Estado*, alegando que a origem do dinheiro estaria ligada ao pagamento retroativo da quantia que ele não havia recebido enquanto professor e Diretor no Atheneu Norte-Rio-Grandense.⁸

Denúncias à parte, a viagem ao sertão potiguar aponta um momento de convergência política entre a AIB e o Governo Federal. Cascudo e Mario Câmara afinaram seus discursos e deram início a uma aproximação política explícita. A saída de Cascudo do ostracismo, coincide com a aliança estabelecida entre o escritor potiguar e o Interventor Federal. Mas, que elemento os aproximava discursivamente? Ambos possuíam o nacionalismo como centralidade, tornando os integralistas simpáticos e úteis ao Governo Federal.

artigos publicados no jornal *A República* entre 31 de maio e 22 de julho de 1934. Além de uma visão etnográfica sobre o sertão norte-rio-grandense, a obra traz interessantes referências às ações práticas do Cascudo integralista e de sua relação intimista com o interventor federal, Mario Câmara.

6 O artigo "suborno..." foi escrito por Câmara Cascudo na edição de *A República*, em 04 set. 1934.

7 Hanna Arendt em *Origens do Totalitarismo* faz um intenso debate acerca das concepções de autoritarismo, inclusive estabelecendo diferenças entre políticas autoritárias e totalitárias. Com a leitura de Arendt podemos perceber que o autoritarismo não é uma prática política, e sim uma característica que se associa a regimes conservadores, de extrema esquerda ou direita. Já o totalitarismo é o Regime que se utiliza da força, da violência contra classes e pessoas, e da limitação de liberdades para se constituir como Governo. Os casos da Alemanha nazista, a Itália fascista e a URSS da época de Stálin são exemplos dessa forma de Governo.

8 CASCUDO, *A República*, 04 set. 1934. O mesmo artigo é publicado em *A Offensiva* no dia 13 de setembro de 1934 com mesmo título: "Investindo contra os caluniadores: fulminante resposta do chefe da A.I.B. no Rio Grande do Norte".

Plínio Salgado e Vargas aproximavam-se cada vez mais a partir de 1933, focados principalmente no combate ao discurso bolchevista, visto como perigoso e sedutor junto às camadas médias urbanas. A aproximação ideológica presente em Cascudo, na AIB e no Governo Vargas fez o erudito potiguar ressurgir nos ciclos políticos decisórios do Estado. Cascudo passava a ser uma liderança política, catapultado pelo integralismo e legitimado pela relação pessoal estabelecida com Mario Câmara.

O autoritarismo e o comunismo propagados pelo Governo Federal, encontravam ressonância nas práticas e discursos integralistas. Essas semelhanças passaram a aproximar lideranças integralistas locais e interventores, proporcionando oportunidade de aproximação entre blocos inicialmente inimigos e o estabelecimento de uma aliança ideológica conservadora e nacionalista. Como alvo comum, os comunistas passaram a ser, além de “inimigos da nação”, o elo de ligação entre os autoritários varguistas e integralistas, combatentes assumidos do internacionalismo bolchevique. O pretenso apartidarismo da AIB, sempre lembrado por Cascudo, deu a liberdade de necessária para a aproximação com Mario Câmara. Duas hipóteses podem explicar a aproximação em nível institucional.

Cascudo, como Chefe Provincial no Rio Grande do Norte, deveria estabelecer boas relações com a interventoria local nomeada por Vargas, senão de forma pessoal, mas de forma estratégica, principalmente para estabelecer um campo propício tanto para a propagação da ideologia integralista quanto para evitar perseguições e o travamento do projeto da AIB. Uma segunda hipótese para a aproximação parece ser a oportunidade de voltar a frequentar o espaço político decisório.

No ostracismo até 1933, Cascudo aproximou-se de Mario Câmara para ser resgatado do arrecife que se encontrava desde a decadência financeira do pai. Agora, como uma liderança política institucionalizada, representante de uma importante parcela da sociedade norte-rio-grandense, formada por letrados, profissionais liberais, militares de média e baixa patente e liderança católica, Cascudo encontrava-se em posição favorável para transitar e participar da vida política e cultural no Rio Grande do Norte.

Como já visto, a atração de Cascudo para o projeto integralista de Plínio Salgado tem a ver com os mais variados fatores, desde semelhanças ideológicas e posturas conservadoras, até com a oportunidade de reinserir o nome Câmara Cascudo no cenário político local, ressuscitando o prestígio perdido por sua família há algum tempo.

O conservadorismo da AIB e o autoritarismo de Vargas transmitiam um certo ar de conforto à alma do erudito potiguar, além de garantir espaços para poder atuar como formador de opinião. Em forma de textos e de voz, passou a expressar naturalmente seus anseios, sentimentos e vontades, reverberando consigo sentimentos de uma elite desprestigiada e saudosa de uma sociedade de pouca mobilidade social. Sob o manto do apartidarismo, atuou livremente, com engajamento político raramente visto na biografia cascudiana, propagandeando o integralismo e cumprindo sua função como “Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto”.

Ideologia e propaganda: a busca de uma posição de produtor de saberes dentro dos quadros da AIB

Com a elaboração do planejamento integralista (representado através do *Manifesto de Outubro*, documento base da AIB), Plínio Salgado ofereceu aos letrados na posição de Cascudo uma oportunidade de sonhar em conquistar o poder através de uma revolução cultural liderada pela elite letrada do país. A década de 1930, além de suas conturbações políticas e sociais, foi um divisor de águas para os letrados no Brasil. Com o fortalecimento das Universidades, o saber produzido pelos eruditos perdia espaço progressivamente, dando lugar para o pensamento intelectual institucionalizado. A produção do conhecimento passava a exigir regras, estabelecendo maior rigor dos escritos, que quando produzidos por acadêmicos ganhava status de científico. As regras garantiriam maior credibilidade e exigia a formação de uma classe formada por intelectuais, produzindo conhecimento embasado na metodologia científica e exigindo maior rigor e, conseqüentemente, estudos mais próximos da realidade social.

A produção de Cascudo ainda estava inserida no modelo tradicional de escrita típica do século XIX, uma escrita erudita. Geralmente, os textos eruditos seguiam regras pouco definidas, cabendo ao autor dar significado baseado em um *modus operandi* que lhe era próprio. Obedecer a um padrão de regras pré-estabelecidas, com a exigência da citação das fontes de pesquisas, a bibliografia básica para elaboração do estudo, notas de rodapé, justificativas, hipóteses, teorias e metodologias, nada disso se estabelecia como obrigação a um erudito. Do ponto de vista intelectual seria impensável um *trabalho científico*, um *trabalho acadêmico* sem a obrigação de regras vistas como garantidoras de um resultado plausível.

Trabalhos de eruditos não obrigavam a necessidade de referências para citações, ou mesmo o cumprimento de regras acadêmicas, situação que os deixavam em uma situação oposta quando comparados a escritores que nos anos trinta passaram a abandonar os *ensaios* e adotaram as regras intelectuais de produção escrita. Com isso, as universidades passaram a ser espaços de legitimação dos seus discursos. Um exemplo é o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que no início da década de 1930, ajuda na fundação da Universidade de São Paulo (USP), seguindo padrões e regras para a elaboração dos trabalhos ali desenvolvidos visando dar credibilidade e legitimação aos escritos intelectuais da instituição.

Com o processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil, a USP assume papel de protagonista no rompimento entre o modelo de escrita erudita (associada ao atraso, às velhas práticas do século XIX) e o desenvolvimento da produção intelectual (vista como moderna e necessária ao progresso) no Brasil. Parte dos letrados brasileiros passam a ser marginalizados e por vezes são criticados pela forma arcaica de produção do conhecimento. Muitos eruditos não se renderam às regras e normas exigidas no

trabalho científico, dentre eles aqueles que trabalhavam com etnografia e folclore, dentre eles, Cascudo. Aliás, os próprios folcloristas entendiam estes como temas peculiares, por se tratar de um saber marginal, produzido por populares. Os folcloristas operavam seus estudos por meio da apreensão dos fenômenos sociais através de uma escala reduzida de observação, quase sempre sem seguir os métodos científicos adotados por intelectuais.⁹

Eruditos e intelectuais possuíam, portanto, características distintas, com posições opostas dentro do campo das letras. Como visto, o erudito caracterizava-se por não utilizar normas para a produção dos seus escritos, transitando livremente em diversos campos do conhecimento, escrevendo o conveniente a si. Em outra perspectiva, o intelectual foi se tornando cada vez mais especialista em uma determinada área do conhecimento. Seu trabalho ganhou um caráter científico; tomou as ciências naturais e exatas como modelo de suas produções (principalmente pela influência da metodologia científica), além de obedecer às regras para a elaboração de sua produção intelectual.¹⁰

Portanto, Cascudo pode ser visto como exemplo clássico de um erudito da primeira metade do século XX. Nos anos de 1930, esteve preocupado com diversos assuntos relacionados ao folclore, escrevendo sobre gêneros literários das mais distintas, tais como: biografias, relato de viagens, crônicas, críticas, ensaios etc.

Nesse momento da história não existia otimismo com relação à criação de instituições como a USP (instituições legitimadoras de saber intelectual) no Rio Grande do Norte. Na ocasião vemos um Cascudo procurando criar suas próprias instituições para veicular e legitimar seu saber, amparado na ajuda do Estado e dos círculos consumidores fiéis às suas ideias e posicionamentos. Seus escritos possuíam credibilidade e notório respeito nos círculos conservadores e tradicionais do Estado, não somente na década de trinta, mas até sua morte em 1986.

Essa avalanche de mudanças deixava homens como Cascudo, que sempre esteve atrelado aos discursos das oligarquias litorâneas, apreensivos com o fechamento dos espaços editoriais. Até certo ponto, assim como as universidades foram se tornando centros de referência e redutos de legitimação da produção intelectual, a AIB não deixou de ser um abrigo de letrados despossuídos (em sua maioria) de prestígio político e intelectual, e que buscavam recuperar o prestígio erudito em modelos semelhantes àqueles do período imperial brasileiro e nos primeiros anos da Primeira República.

Na prática, qual o papel desempenhado por Cascudo – e como o fez – dentro do projeto integralista desenvolvido por Plínio Salgado? Em busca dessa resposta foi necessário estudar os artigos escritos por Cascudo no periódico *A Offensiva*, órgão que concentra a maior parte da produção integralista do potiguar.

A partir do ingresso na AIB e da aproximação com a interventoria de Mario Câmara,

9 ORTIZ, 1992, p. 49.

10 Acerca da relação entre os conceitos de intelectual e erudito ver: ALBUQUERQUE JUNIOR. *De amadores a Desapaixonados*. In: Trajetos, vol. 3, n° 6, 2005.

Cascudo escreveu sobre cultura e especialmente sobre a realidade política nacional. Na sua opinião, a crise estabelecida no Brasil era culpa do progresso promovido por uma onda liberal, responsável pelo desmonte de uma sociedade hierarquizada e historicamente constituída até o século XIX. Ao liberalismo, coube trazer o caos e a desordem social, provocando convulsões sociais e o desarranjo das forças mantenedoras da nação. Por outro, Cascudo via na crise uma oportunidade de acabar com as transformações provocada pelos ventos liberais europeus.

Para Marilena Chauí, a noção de crise é constantemente utilizada como mecanismo legitimador de discursos autoritários, visto que:

a noção de crise permite representar a sociedade como invadida por contradições, mas simultaneamente, permite tomar as contradições como um acidente, um desarranjo, pois a harmonia é pressuposta como de direito, de sorte que a crise é uma desordem factual provocada seja por um “engano” (involuntário) dos agentes sociais, seja por um mal funcionamento de certas partes do todo (por exemplo, como dirá o Integralismo, pela coexistência desarmônica do arcaico e do moderno, ou pela inadequação do liberalismo “litorâneo” à realidade “sertaneja” da nação). A crise serve para opor uma ordem ideal a uma desordem empírica na qual a norma ou a lei são contrariadas pelo acontecimento.¹¹

A busca da harmonia, o desejo de voltar ao passado, a reorganização da sociedade aos moldes do Império, anseios dessa natureza encontravam similaridade com o discurso integralista de combate à *crise* e a *desordem*. Cascudo, como outros, encarou a tarefa de se fardar e fazer frente nas fileiras do integralismo com desenvoltura, ele realmente foi atraído pelo projeto político de Plínio Salgado. A AIB soube explorar bem o incomodo da tradicional classe média brasileira com os rumos da economia e das práticas liberais impostas pelo mundo globalizado e moderno. Essa mesma classe média era composta em grande medida por bacharéis, profissionais liberais, políticos, comerciantes e empresários pouco adaptados aos novos ares impostos pela industrialização e a ordem mundial após 1918.

Os letrados da AIB e pertencentes das classe médias urbanas, foram importantes tradutores e propagadores da ideologia integralista entre as camadas mais populares, especialmente nos espaços das grandes e médias cidades. Como folclorista, coube a Cascudo trabalhar no resgate das origens do nacionalismo brasileiro e traduzir a verdadeira essência do brasileiro. Por isso o foco dos estudos no homem sertanejo, visto como puro, pouco afetado pelo liberalismo litorâneo e seu modernismo transformador. Resgatar a originalidade do ser brasileiro era uma forma de combater a velocidade da modernidade, que, assim como suas locomotivas, dizimava as tradições e a organização hierárquica tão peculiar e costumeira aos olhos da tradicional sociedade cristã brasileira.

11 CHAUÍ, 1985, p. 128.

O escafandrista: a busca do verdadeiro brasileiro nos arrecifes da cultura

Escafandrista. Em sua atuação na AIB, Cascudo mergulhou no estudo da cultura e trouxe à tona em seus textos os costumes tradicionais, submersos pela cultura moderna e em fase de extinção. Mergulhando nos escritos integralistas cascudianos observa-se que o erudito praticava seu ofício de folclorista em busca de um objetivo claro: recuperar o sentimento nacionalista ameaçado pela modernidade liberal e burguesa e pelo discurso internacionalista propagado pelos comunistas.

A imprensa integralista atuou na transmissão da sua doutrina de modo uniforme. Seus meios de comunicação contavam com jornais, revistas e programas de rádios. Os periódicos obedeciam a certo rigor editorial, com padrão gráfico definido (geralmente os jornais eram ilustrados com fotos ou desenhos que ressaltavam as pessoas e não o acontecimento) e com textos carregados de persuasão (a repetição, a transcrição, o uso de lembretes e a propaganda comercial aliada à doutrina).¹² A propaganda desempenhou papel especial nos periódicos integralistas, adotando um caráter disciplinador e convidativo, visando uma doutrinação baseada na hierarquização da sociedade e no controle dos corpos.

A disciplina como forma de educar ideologicamente foi uma característica peculiar dos artigos integralistas. Pensada como princípio hierárquico, a disciplina desempenhava função primordial, pois dispensava o uso da força na mobilização das massas, estabelecendo o que Foucault definiria como “relação de docibilidade-utilidade”.¹³ O discurso engajado, repetitivo e hierarquizado tornava dispensável o uso da força, pois uma condição prévia para o integralista era respeitar e seguir fielmente a organização hierárquica definida pela AIB. Em troca, teria de volta a harmonia, o fim da crise e garantias de um país mais estável, centralizado e forte.

O mais expressivo periódico integralista foi o jornal *A Offensiva*, e nele foram reunidos a maior parte dos discursos propagandísticos e informativos da AIB, inclusive é onde encontramos a maior parte dos escritos integralistas de Cascudo. Os assuntos que abordava em seus textos podem ser divididos em duas vertentes: a) o combate ao comunismo de forma geral, atacando seu discurso, sua ideologia e seus membros; b) o resgate das tradições populares através de contos, lendas, mitos e significado de palavras que, na ótica cascudiana, guardariam a verdadeira essência do sentimento nacional brasileiro.

Cascudo trabalhou como propagandista político e cultural dentro do jornal *A Offensiva*, atuando de forma a comunicar a ideologia integralista de forma palatável, transmitindo a mensagem integralista de forma mais popular, chegando ao receptor de forma mais simples e clara. Seus textos refletiam o sentimento integralista de forma objetiva, algo até certo ponto natural para Cascudo, pois punha em prática sua formação cristã e conservadora,

¹² CAVALARI, 1999, Capítulo 2.

¹³ FOUCAULT, 1997, p. 118.

suas leituras das obras de Tristão de Athayde e da mais vasta bibliografia com tendências monarquistas, direitistas e cristãs que fazia parte de sua *Babilônia*.¹⁴

Novamente vem à baila sua compreensão do conceito de *cultura*. Em seu discurso, a cultura possui relação com a *posse de conhecimentos, às artes, à filosofia, e às letras*, um bem que tinha a capacidade de ser transmitido por aqueles que a possuísem na busca da conscientização popular.¹⁵ Cascudo certamente se via como capaz de compreender e interpretar a cultura popular, identificando suas origens e influências mais ancestrais.

Autodefinido como estudioso do folclore, Câmara Cascudo se posiciona como um detentor do conhecimento capaz de interpretar a cultura do povo, disciplinando as práticas populares. Em sua visão, a cultura popular deveria ser preservada em sua mais pura exceia, relatada e protegida contra a contaminação dos vícios trazidos com o progresso.

Folk Lore não é coleção de caixa de fósforos ou de envolverus de cigarros. É uma ciência do comum e do coletivo abrangendo em sua ondulante e nobre curiosidade todas as manifestações humanas o trabalho dos mortos e o esforços dos vivos (...) ciência do amor da compreensão do humilde, do diário, do comum, do dia-a-dia, o trágico cotidiano. Valoriza, aproximando de nós, o Homem, em sua condição real e lógica, sem a introspeção filosófica ou as siderações metafísicas. [sic]¹⁶

Narrar os ritos e os saberes populares era uma forma de salvar o “ser brasileiro” em sua mais pura essência, não por acaso valoriza a figura do sertanejo, que afastado do litoral conseguia preservar intacta tradições a muito extintas do litoral. O Cascudo à serviço da ideologia integralista identificava na cultura popular as origens do sentimento nacionalista e a via ameaçada pela incorporação no Brasil do sistema liberal-burguês e pela propaganda “nefasta” dos revoltosos comunistas.

Empenhado nessas funções, Cascudo escreveu intensamente para *A Offensiva* entre 1934 e novembro de 1937, próximo à extinção definitiva da AIB pelo Estado Novo. Seus textos denunciam um homem preocupado com a questão nacionalista e a desorganização causada pela ideologia comunista, o homem que reconhecia e queria combater a “anarquia de ideias” em curso no país.

Em tom sensacionalista, típico dos panfletários políticos, Cascudo buscava exaltar qualidades integrais e ofuscar as ações soviéticas, as quais definiu como “minoría armada que asfixia o povo eslavo”. Aliás, o tom pejorativo e sarcástico foi uma constante em seu discurso anticomunista. O artigo “*In Hoc Sigma Vinces!*” é exemplar. Nele percebe-se ambas as características dos escritos integralistas de Cascudo. Inicialmente, em crítica

14 Essa era a forma a qual Cascudo se referia à sua biblioteca particular. Encontram-se na biblioteca de Câmara Cascudo obras tais como: *Integralismo de Norte a Sul, Brasil colônia de Banqueiros e Comunismo, cristianismo e corporativismo* (Gustavo Barroso), *Mitos de nosso tempo* (Alceu Amoroso Lima), *Preparação à Sociologia, De Pio VI a Pio XI* (Tristão de Athayde).

15 CAVALARI, 1999, p. 42.

16 Tratasse de um documento datilografado intitulado “PLANOS DO SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLCLORE” [sic]. Nele identifica-se o plano-base e traz a definição de vários conceitos que deveriam ser o cerne da Sociedade Brasileira de Folclore. Os escritos estão no arquivo pessoal de Câmara Cascudo, localizado no Memorial Câmara Cascudo, Natal-RN.

à imprensa brasileira, afirma que ela estava entregue a “meninhos-bonitos que citam Lenine, afagando camisinhas de seda”,¹⁷ que deveriam integrar “as fileiras verdes do Integralismo, trabalhar, estudar e sofrer conosco”, caso contrário, ficariam “marcados para sempre entre os que renegam a Deus, a Pátria e a Família”.

Cascudo considerava o Integralismo um movimento próspero por ser formado, em sua essência, por brasileiros com espírito nacionalista e não internacionalista. Nesse ponto do artigo, ataca e ironiza os comunistas, lembrando que ainda havia tempo, caso desejassem lutar com os brasileiros preocupados com o sentimento nacional.

Lembrai-vos que só existe no Brasil um signal para reconhecermos os brasileiros que estão construindo a Pátria, na perpetuidade do esforço e do sacrifício. Esse signal é o Sigma (...) Lembrai-vos que este é o momento da escolha, da Coragem, do Passo inicial, a marcha para o alto com as nossas saudações (...) deixai o livrinho que o marxista pintou de ouro para vossa ignorância, ausência de raciocínio e clareza de dedução.¹⁸

A difamação da figura do comunista e a exaltação ao integralismo eram traçadas de forma maniqueísta por Cascudo. No trecho, a imagem do integralista está associada à de um mártir, capaz de sacrifícios em nome da nação (uma ligação subjetiva aos sacrifícios dos mártires do imaginário católico). Por outro lado, os comunistas são associados a marxistas sedentos por uma revolução sem propósito, renegando preceitos fundamentais de um verdadeiro patriota: Deus, Pátria e Família. O estilo dos escritos de Cascudo trazia alívio a pessoas como ele, os conservadores, advindos da emergente classe média urbana brasileira, parcela afetada pelas mudanças liberais e burguesas ocorridas no Brasil em princípios do século XX.¹⁹

A função de defensor e tradutor dos escritos integralistas

Em 1934, o Núcleo da AIB-RN foi chefiado por Cascudo, responsável pela coluna “Notas Integralistas” no jornal *A República*, órgão de imprensa oficial do Estado que trazia informações sobre as atividades no Rio Grande do Norte. A coluna do dia 14 de julho de 1934 faz referência ao aniversário de um ano do *Núcleo Provincial*. Nela são divulgados os pontos doutrinários da AIB, citando as *Ordens Política, Econômica, Moral e Intelectual* do movimento.

Destes pontos, a *Ordem Intelectual* assinala no Programa a importância de “um regime de participação de todas as forças culturais e artísticas na vida do Estado”.²⁰Essa era uma preocupação constante e um interesse de Cascudo: os letrados deveriam ajudar na organização do Estado, participando do projeto político da Nação defendido por Plínio

17 *A Offensiva*. 11 out. 1934.

18 *Ibid*.

19 Segundo Héglio Trindade, “na década de 30 o grupo preponderante [referente à ala dirigente da AIB, a qual Câmara Cascudo era membro] é formado pela média burguesia dos profissionais liberais, em grande parte radicalizada ideologicamente para a direita” (TRINDADE, 1975. p. 139). Cascudo foi, durante a década de 30, um funcionário público, professor do Atheneu-RN, e escritor, o que lhe deixava enquadrado dentro da classe média brasileira, sendo um portador dos anseios de uma classe confusa com a crise ideológica do país.

20 Notas Integralistas. *A República*, 14 jul. 1934.

Salgado. Seria uma forma de letrados com características próximas às de Cascudo aderirem ao projeto integralista, bem como uma forma de retomarem o prestígio social e político perdido durante as crises econômicas da década de 1920.

A AIB se valia desse desejo buscando angariar letrados de renome para seus quadros e forçar um espaço no Estado autoritário planejado por Getúlio Vargas. Cascudo, assim como outros integralistas, visava um futuro promissor para os homens das letras, unindo o projeto integralista, no qual os letrados estariam à frente das mudanças nacionais, ao desejo varguista de contar com intelectuais, eruditos e literatos nos quadros dirigentes do Estado brasileiro.

Coube a Cascudo legitimar o discurso integralista, principalmente quando naquele momento a AIB encontrava consonância com facções de extrema direita europeias. Incorporando a estrutura organizacional do fascismo italiano e características do autoritarismo salazarista, a AIB reivindicava seu caráter nacionalista, e o combate ao internacionalismo comunista sempre era utilizado como justificativa.

Em interessante artigo, Cascudo trabalhou na legitimação da AIB como um movimento tipicamente brasileiro, tentando dissociá-lo do nazismo alemão. Dada as semelhanças ideológicas, a propaganda integralista sentia a necessidade de consolidar uma imagem nacionalista para a AIB:

O integralismo não é uma cópia. É uma forma brasileira do fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional onde ela é chamada a operar. Cópia é o bolchevismo teórico de certos internacionais de pacotilha (...) Perguntem ao crítico, que nos diz copiadores, de onde lhe veio o fumo de seu cigarro, a linha do seu traje (...) ele não criou nada. O indumento [sic], o idioma, a culinária, folclore possuem leis de circulação e fusão ambientais (...) nós não copiamos o fascismo (...) Integralismo é a força que está em nós mesmos. O raio é a extensão do Brasil. A trajetória é o infinito de nossas almas que se libertam de todos os terrores cósmicos ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça.²¹

O trecho acima é significativo para visualizarmos a segurança que Cascudo esperava encontrar com sua entrada nas fileiras da AIB. Lembra as “almas [inclusive a sua] que se libertam de todos os terrores cósmicos ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça” oferecido pelo projeto integralista de nação. Chama atenção ainda, sua estratégia ao recorrer aos seus conhecimentos etnográficos para validar suas críticas, realçando a imagem do folclorista, conhecedor dos costumes, erudito, preparado, conhecedor do verdadeiro sentimento patriótico.

E com relação à apropriação de elementos fascistas por parte da AIB? A resposta é curta e objetiva: “O integralismo não é uma cópia. É uma forma brasileira do fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional”. A simplicidade da resposta não comporta a complexidade da crítica. Como criticar

21 O integralismo é cópia? *A Offensiva*, 18 out. 1934.

o internacionalismo soviético e ao mesmo tempo copiar o fascismo? Como solução vem o abasileiramento. Para Cascudo o integralismo era uma forma de fascismo tipicamente brasileiro, que aceitava as soluções internacionais, mas, sem nunca perder de vista o “elemento nacional”. A resposta evasiva serviu apenas de trampolim para uma crítica ao “bolchevismo teórico de certos internacionais de pacotilha”.

Os livros integralistas de circulação nacional eram produzidos pelos líderes nacionais da AIB. Cabia às lideranças, na figura de Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso e Raymundo Delmiriano Padilha, o desenvolvimento do discurso oficial da AIB. Possuíam uma linguagem peculiar, às vezes de difícil compreensão, às vezes academicista, distanciando o povo das discussões. Os livros, sobremaneira, eram feitos para municiar de informações os membros letrados do movimento, responsáveis pela propaganda e a difusão do discurso integralista, e ao mesmo tempo mantinham a unidade ideológica do movimento. A extensa bibliografia serviu de alicerce para as demais produções letradas integralistas, alimentando com informações as reportagens e informações produzidas por periódicos de circulação, de linguagem mais acessível, como a revista *Anauê* e o jornal *A Offensiva*.

Cascudo não foi autor de nenhum livro referencial da AIB. Não encontrei registro de publicação sua, voltada para a defesa da ideologia integralista. Sua função era a de legitimar o movimento através de seus artigos em periódicos. Cascudo era o tradutor de Plínio, Barroso e Reale; o conhecedor dos costumes populares e, portanto, o tradutor do discurso oficial para uma linguagem popular e sensacionalista. Não se deve entender o sensacionalismo promovido na década de 1930 com o sensacionalismo da atual mídia. O sensacionalismo que encontramos nos artigos da AIB copiava a linguagem panfletária de movimentos autoritários e totalitários, tanto de esquerda como de direita.

A propaganda de massa da AIB bebeu sobremaneira do modelo nazista de propaganda, mas não da ideologia por completo. Aliás, essa foi a intenção do artigo *O Integralismo é cópia?* Como visto, Cascudo defendeu o integralismo como um movimento tipicamente nacional, enfatizando o fato de que a AIB adotava algumas características do nazifascismo – como a propaganda –, mas não poderia ser considerada uma cópia fiel dos regimes totalitários europeus. Em *Minha Luta*, Hitler definiu com clareza o papel do propagandista dentro de um movimento de extrema direita:

O fim da propaganda não é educação científica de cada um, e sim chamar a atenção da massa sobre determinados fatos, necessidades etc., cuja importância só assim cai no círculo visual da massa (...) Toda propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir (...) deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas.²²

Dentro da estrutura organizacional de propaganda da AIB, Cascudo parece ter ocupado um cargo semelhante ao de outros letrados apoiadores de regimes autoritários

22 HITLER, 2001, p. 135.

em curso na Europa, dentre os quais destacavam-se Alemanha, Espanha, Itália e Portugal. No caso alemão, a propaganda nazista utilizava seus periódicos como propulsores de discursos e artigos, propagando em massa a ideologia do Führer. A estratégia de Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, era tornar o discurso oficial acessível às classes mais populares, difundindo e consolidando o imaginário nazista no cotidiano do povo alemão.

Na *Babilônia* de Cascudo é possível encontrar um discurso de Goebbels, pronunciado durante o Congresso do Partido Nacional-Socialista, ocorrido em 1936. Nele, o ministro tece duras críticas ao comunismo, associando o bolchevismo soviético e a comunidade judaica como parte de um só grupo – tese amplamente difundida entre membros da AIB, como Gustavo Barroso, autor de mais de uma dezena de livros integralistas. O livreto traz grifos feitos por Cascudo em trecho no qual Goebbels relata uma pretensa matança de crianças promovida pelos bolcheviques soviéticos, mas não possui comentários e nem foi possível encontrar artigos de Cascudo nos quais utilizou essas informações.²³

Aliás, embora poucos, os grifos de Cascudo nos livros integralistas merecem atenção à parte. No livro, *Brasil colônia de banqueiros*, de Gustavo Barroso, os grifos e comentários feitos por Cascudo apontam bem o uso de livros como guias integralistas, indicando temas e alimentando com informações as publicações propagandistas da AIB.

No artigo, “A dívida externa do Rio Grande do Norte”, publicado no jornal *A Offensiva*, Cascudo utilizou informações produzidas por Gustavo Barroso, que, em “Nota para a terceira edição” do seu livro, *Brasil, Colônia de Banqueiros*, aparecem números e análises econômicas sobre a situação bancária brasileira nas primeiras décadas do século XX. Para seu artigo, Cascudo usou os números e análises do livro para tratar da crise econômica do Rio Grande do Norte, acrescentando dados estatísticos de empréstimos realizados pelo Estado e que não apareciam na primeira edição do livro de Barroso. Nele, o potiguar ataca a política de empréstimos a altos juros promovida no Rio Grande do Norte durante a crise econômica da década de 1920 (crise esta que devastou comerciantes locais, sendo o Coronel Cascudo, seu pai e primeiro mecenas, uma vítima da crise potencializada com o *crack* de 1929). Por fim, em tom exaltatório e propagandístico, Cascudo celebra o colega integralista: “Brasil, Colônia de Banqueiros! O passo de teus libertadores se aproxima de ti. Aprende a levantar o braço e gritar ‘anauê’. São dois gestos que têm o segredo de partir a infâmia de tuas algemas de ouro!”²⁴

Como se percebe, coube a Cascudo interpretar o discurso oficial dos dirigentes intelectuais da AIB, incorporando, de forma simplificada e popular, a ideologia integralista ao imaginário popular, a uma linguagem da rua, mais cotidiana e informal. Trabalhou na disciplinarização da sociedade utilizando a propaganda panfletária como ferramenta de persuasão e convencimento, valendo-se do seu prestígio social e erudito junto à população norte-rio-grandense e brasileira. Procurou resgatar o sentimento nacionalista, buscando

23 GOEBBELS, Joseph. *O Bolchevismo na teoria e na prática*. 1936.

24 A dívida externa do Rio Grande do Norte. *A Offensiva*, 06 out. 1934.

na cultura popular e no combate ao internacionalismo comunista, a essência perdida do “homem brasileiro”, aquele que se perdeu com a chegada da modernidade e sua nova organização das pessoas e do espaço.

Porém, Cascudo não foi infiel às suas tradições, não jogou para segundo plano sua formação conservadora e cristã. Foi um homem que viu no projeto de Plínio Salgado uma forma de pôr em prática seu conservadorismo em prol de um Movimento que correspondia aos seus anseios. Antes de combater a anarquia de ideias existentes no Brasil, Cascudo foi um sujeito que sentia as crises dessa confusão ideológica, e que necessitava de um amparo discursivo para se localizar dentro do campo de batalha dos pensamentos; um homem carente de afago na sua alma, abalada com a avalanche de mudanças traumáticas ocorridas no seio da sua família durante as décadas de vinte e trinta. Ainda hoje, essa curta experiência política permanece oculta nas falas de quem o conheceu e em suas biografias, as quais, infelizmente, se esforçam, sobremaneira, no silenciamento da trajetória integralista de Luís da Câmara Cascudo.

O PROCESSO DE SILENCIAMENTO DA BIOGRAFIA VERDE...

Se existe, pois, uma função histórica, que especifica a incessante confrontação entre um passado e um presente, quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou o pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe uma série indefinida de “sentidos históricos”.¹

Michel de Certeau

“A primeira fase de vossa ilustre instituição [**Academia Brasileira de Letras**] decorreu às margens das atividades gerais [...] Só no terceiro declínio deste século operou-se a simbiose entre homens do pensamento e ação”.²

O processo de consolidação do Estado Novo, em fins da década de 1930 e na primeira metade dos anos 40, fez com que Getúlio Vargas propiciasse aos letrados brasileiros um espaço privilegiado na política cultural brasileira. Em sua posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), o presidente brasileiro rebateu a famosa frase de Machado de Assis, ao afirmar que “a Academia Brasileira de Letras tem que ser o que são as instituições análogas: uma torre de marfim”.³

Vargas criava, desde o golpe de 1930, espaços de produção do saber para alocar os “homens de pensamento”, visando apoio e atuação junto ao Regime, legitimando a ideologia autoritária e harmonizando o discurso estatal com o intelectual.⁴ Os espaços criados por Vargas trouxeram condições para que aqueles que dependiam essencialmente das letras pudessem ter um lugar para suas produções. Em troca, esses mesmos homens trabalhavam em prol do Regime, legitimando as ações e traduzindo a ideologia do Governo, de forma que a massa pudesse compreendê-lo, evitando associações de caráter totalitário ao regime, dando ares de democracia a um regime ditatorial.

No já citado *Estado Autoritário e a Realidade Nacional*, Azevedo Amaral traça características que dão ao Governo, e ao homem Vargas, um caráter legítimo e democrático, sempre associando o discurso autoritário a uma estratégia para a reorganização do Estado brasileiro por meio de uma associação forçosa entre autoritarismo e democracia. O lançamento em 1938 corresponde à recente implantação do Estado Novo (novembro de 1937). Foi então necessário um discurso que amenizasse a apreensão popular e dos formadores de opinião, afinal, como bem lembra Amaral, os anos 30 no Brasil foram de completa “anarquia de ideias”.

Coube a Azevedo Amaral minimizar o caráter ditatorial do Regime Vargas, associando a democracia ao caráter autoritário do Estado. Para ele, o Estado autoritário

1 CERTEAU, 2006.

2 VARGAS, 1944. Apud. VELLOSO, 2010, p.151.

3 Ibid. p. 150.

4 Com a participação dos homens de pensamento no programa cultural e educacional do Estado Novo, Vargas pretendia utilizar-se desses homens para que eles promovessem a interação entre o Estado e a Nação, servindo de tradutores e propagandistas ideológicos e políticos do Regime.

poderia “harmonizar-se perfeitamente com o estilo do Regime Democrático”⁵ brasileiro, chegando a afirmar, acertadamente, que o “Estado Autoritário não é Estado Totalitário”,⁶ e, portanto, não existia relação direta entre o Estado Novo e o nazismo alemão ou o fascismo italiano, vistos como totalitários.

Com isso, o presidente angariava letrados em condições de promover uma defesa ao Regime. Por outro lado, uma vez ao lado do Governo (inclusive sendo muitas vezes sustentados por ele) os letrados estariam atrelados, de uma forma ou de outra, à ideologia e os parâmetros políticos do Estado Novo. Inclusive, muitos letrados, ao aliam-se à Vargas, deixaram a periferia letrada e cultural do país e ocuparam posições privilegiadas dentro do Ministério da Educação e do Departamento de Imprensa e Propaganda durante o Estado Novo.⁷

De forma geral, esses letrados ocuparam a função de legitimadores e tradutores do Regime Vargas. Sob um ponto de vista mais específico, Vargas implantou no Brasil medidas idênticas àquelas adotadas pelos regimes totalitários da Europa, principalmente os métodos de propaganda defendidos por Joseph Goebbels na Alemanha. No caso brasileiro, Vargas promoveu um reordenamento das práticas letradas, angariando os homens das letras para os quadros intelectuais do Estado, dando cargos para atuarem juntamente aos órgãos estatais associados à educação (Ministério da Educação) e a ordenação das massas por meio da propaganda (Departamento de Imprensa e Propaganda).

Gustavo Capanema comandou o Ministério da Educação desde 1935. Com advento do Estado Novo, o aparelho estatal promoveu a expansão das instituições culturais, criando cursos de ensino superior e instituições ligadas à produção do saber cultural e educacional brasileiro. O objetivo era propagar a ideologia do Regime e aumentar a influência do Governo Federal nas esferas de produção artística e letrada do país. Essas atitudes aumentaram o poder e o prestígio do Ministério de Capanema, o qual passou a ter a função de fiscalizar, coordenar e intervir em praticamente todas as instâncias ligadas à produção de saber letrado no Brasil.

Durante os anos 30, embora tenha ocorrido um “boom” no número de publicações de livros, as produções culturais eram bastante restritas e tinham um raio de ação muito reduzido.⁸ Nessas condições, o Estado comandado por Vargas passou a ocupar a posição de *mecenas-mor* no Brasil, apoiando e financiando variados projetos culturais e educacionais no país, principalmente daqueles que sempre, ou quase sempre, dependeram do capital público para financiar suas publicações, no caso, os profissionais das letras.

Gustavo Capanema tornou-se no Estado Novo a liderança símbolo do renascimento

5 AMARAL, 1938, p. 195.

6 Ibid. p. 204.

7 Carlos Drummond de Andrade é um exemplo clássico dessa tomada de postura junto ao Estado Novo. Embora não estivesse à margem das letras no Brasil, sentia a importância de estar em consonância com o discurso varguista, e modelou seu discurso para assumir um cargo administrativo no Ministério da Educação de Gustavo Capanema, assumindo uma importante secretaria no governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

8 ORTIZ, 1986, p. 80-82.

cultural brasileiro, ou, talvez, do momento de maior investimento público na cultura nacional até então. Foi o Estado Novo que financiou e apoiou no período, os movimentos culturais e letrados do Brasil, inclusive empregando muitos em seus quadros burocráticos, disponibilizando espaços privilegiados para atuação dentro da estrutura burocrática do Estado. Muitos iniciaram uma aproximação com o Estado Federal e legitimaram abertamente a ordem discursiva que foi o Estado Novo.

Com a AIB em crise desde fins de 1937, Cascudo iniciou uma aproximação mais intensa e direta com o Governo Federal. Cascudo procurou estabelecer uma ligação direta com estadonovistas, buscando angariar espaço nas produções e projetos desenvolvidos e financiados por Gustavo Capanema e seu Ministério. Antevendo a derrocada integralista após a fatídica intentona de novembro de 1937, Cascudo iniciou seu processo de aproximação junto ao Ministro Capanema como forma de não correr o risco de, novamente, incrustar nos arrecifes da política e ser transformado novamente em ostra.

Capanema: a necessidade de todo letrado nacionalista

Recém-saído do ostracismo social e político (ao qual esteve relegado desde a falência de seu pai em fins dos anos 20) graças a sua aliança com o interventor Mário Câmara, Cascudo era, em 1937, uma liderança integralista apoiador da política interventorial e autoritária de Vargas, bem diferente daquele Cascudo dos anos de 1932-33, apoiador das causas “perrepistas”. A partir do Estado Novo, Vargas não mais ocupava a cadeira do mal, na luta maniqueísta entre os homens das letras e o ditador gaúcho. Mesmo antes da extinção da AIB enquanto partido político em 1938, Cascudo se manteve aliado ao Poder Federal, talvez muito pelo fato de ter percebido os espaços destinados aos letrados nos ministérios e nas instituições criadas no processo de modernização do aparelho estatal iniciado com o Estado Novo.

Em carta endereçada a Gustavo Capanema, o homem à frente das relações entre Estado e letrados, Cascudo inicia um processo de aproximação pessoal com o Ministro, desejando felicitações ao “ilustre amigo”:

exm^o sr. dr. Gustavo Capanema

meu ilustre amigo

Tomo a liberdade de desejar a V. Ecia. um 1938 tranqüilo e generoso. Pensava em avistar-me com V. Excia. logo em princípios de janeiro mas a inauguração do Liceu Literário foi adiada e com ela minha viagem até o Rio.⁹

Dentro dos arquivos pessoais de Gustavo Capanema, localizados no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro, identificamos esta como a primeira correspondência trocada entre Câmara Cascudo e o Ministro Gustavo Capanema. A carta, enviada no mês de dezembro de 1937, dias após a fatídica tentativa de Golpe contra Vargas em novembro, Cascudo oferece seus serviços transmite a intenção de Câmara

⁹ CPDOC / FGV. GC b Cascudo, L. b. 0818. 30 dez. 1937.

Cascudo em participar do projeto educacional e cultural do Estado Novo. O curto espaço de tempo entre esse contato de Cascudo com Capanema e a extinção da AIB, são fatores determinantes para entender a mudança na postura política adotada pelo erudito potiguar. Encontraremos na carta, por exemplo, a primeira tentativa explícita de Cascudo em tentar se inserir nos futuros planejamentos e projetos do Ministério da Educação.

Sendo o Estado Novo uma etapa na afirmação de Vargas no poder (adotando para tal um discurso nacionalista muitas vezes exacerbado, carregado de um discurso claramente populista, característica típica de governos autoritários), o Ministro Capanema seria o responsável por fortalecer o espírito nacional na educação e na cultura brasileira. Percebendo a mudança da maré, Cascudo se dispôs a trabalhar no fortalecimento do nacionalismo e, por conseguinte, do Estado centralizador de Vargas, substituindo em seu imaginário a figura do líder Plínio Salgado pela imagem paternalista e superior de Getúlio Vargas.

Oferecendo seus serviços, em segunda correspondência a Gustavo Capanema, Cascudo sugeriu a constituição de uma coleção que deveria ser intitulada *História do Brasil*, a qual estaria:

[...] dividida em tantos tomos quantos fosse os Estados e mais o Acre. V. Excia. convidaria os futuros autores indicando a forma do volume que deveria ter umas 250 a 300 páginas, no máximo e dar um aspecto sociológico, econômico e histórico ao trabalho, sem os rigores da cronologia inexpressiva [...]¹⁰

Valendo-se do fato de cada Estado dever indicar um nome de credibilidade e reconhecimento popular para escrever sobre a história do seu reduto, Cascudo, certamente, seria o encarregado de escrever o tomo referente ao Rio Grande do Norte, pelo motivo de ser historiador local de maior destaque, bem como por ser o autor da proposta.¹¹ A aproximação com Gustavo Capanema revela ainda a *visão positivista* da história, característica dos trabalhos de Cascudo durante os anos de 1930 e 1940. Ao justificar sua sugestão sobre a *História do Brasil*, o erudito afirmou que: “em pouco mais de cinco anos teríamos a História do Brasil **completa, clara, documentada e real e não fracionada** como a possuímos”.¹² Ao fim, despede-se do Ministro deixando sua ideia “como uma sugestão serôdia e bem intencionada”,¹³ demonstrando intenção em participar dos projetos do Ministério da Educação voltados para o fortalecimento do nacionalismo.

A necessidade de aproximação com o Ministério de Gustavo Capanema pode ser entendida de forma sintética: o Estado Federal era o grande financiador da cultura e da

10 CPDOC / FGV. GC / Cascudo, L. b. 0818. 30 dez. 1938.

11 Menos de dois anos após apresentar o projeto de trabalho História do Brasil, Cascudo concede entrevista ao jornal *A República* afirmando: “O Dr. Aldo Fernandes, Secretário Geral do Estado, encarregou-me de fazer uma “História do Rio Grande do Norte”, que já está no 5º capítulo. Lembre-se você, Rômulo, que a nossa história mais recente foi publicada a 19 anos. E há muita coisa que dizer, além do que não foi dito.” Como vive um escritor em Natal. *A República*, 25 fev. 1940.

12 Grifos meus.

13 Ibid.

educação no Brasil. O Estado autoritário (assim como ocorrerá nos governos militares nos anos 70) subsidiou letrados e artistas que estavam sendo postos à margem do mercado artístico e editorial, dada a insipiência do mercado editorial brasileiro. O mecenato público sustentou e criou cargos para uma parcela de letrados que passam a depender significativamente do aparato oficial.¹⁴

No período Cascudo encontrava-se inserido em um grupo de letrados que tendiam a valorizar a cultura brasileira através dos estudos das manifestações culturais das classes dominadas, procurando no estudo da cultura popular o resgate das raízes da nacionalidade brasileira, atuando como defensor da cultura popular contra os ataques do progresso, “adotando uma postura paternalista e essencialmente museológica”.¹⁵

Como folclorista, entendia que o povo por si só não reunia condições de identificar e entender a cultura popular em sua essência, mesmo praticando-a e sendo guardião das tradições de seu povo. Na sua visão, fazia-se necessário um intermediário que lhe indicasse a importância da cultura popular e mostrasse o quão carregado de sentimento nacionalista eram as práticas culturais populares. O estudioso do folclore seria esse intérprete que reconheceria nas raízes da cultura popular a essência do nacional e a origem das práticas culturais mais originais, remetendo às características mais fidedignas do “ser brasileiro”.

De certa forma, as características descritas acima constituíam parte do Cascudo que se apresentou a serviço do Estado Novo; ideias não tão novas, pois lhe acompanhavam desde o início dos anos 30 e que amadureceram durante sua passagem pela Ação Integralista Brasileira. Parece ter sido essa a posição desejada pelo erudito no Ministério de Capanema: o de defensor da cultura popular e legitimador do discurso nacionalista do Estado Novo. Seus estudos etnográficos e folclóricos poderiam ajudar na compreensão do “ser brasileiro”, entendendo “esses estudos como indispensáveis e lógicos para a cultura nacional”.¹⁶

No período, destacaram-se letrados denominados, por Boris Fausto, “intelectuais autoritários”. Esse grupo caracterizava-se não por um comportamento totalitário, mas por homens de pensamento conservador. Isso dava ao conceito de autoritarismo um sentido ligado à forma de se exercer as práticas políticas de forma hierarquizada e conservadora, obedecendo formas tradicionais de relações sociais e valores morais.

Cabe ainda explicar que o conceito de *intelectual* utilizado por Fausto refere-se à forma como qualquer homem das letras era designado pelo Estado Novo: aqueles ligados às áreas relacionadas com as letras eram imediatamente tratados como intelectuais. A partir de uma rápida observação, o leitor percebe que os conceitos de intelectual, letrado e erudito foram sempre empregados por mim de forma a distinguir as posições de cada um (ver Capítulo 2). No caso de Boris Fausto, o conceito de intelectual é genérico e designa

14 MICELI, 1984, p. 98.

15 OLIVEN, 1984, p. 44.

16 CASCUDO, Luis da Câmara. Quase depoimento. In: CAVALHEIRO. *Testamento de uma geração*, 1944.

qualquer sujeito que possuísse ligação com as letras como intelectual. Tentei não me apropriar do discurso estadonovista e por isso fiz a distinção entre erudito e intelectual no decorrer da pesquisa.

Entretanto, na perspectiva de Boris Fausto, podemos admitir que Cascudo se enquadrava na designação de “intelectual autoritário”. A crítica ferrenha à democracia liberal, aos partidos políticos e às eleições davam ao erudito potiguar feições autoritárias frente ao entendido à época como democracia. Segundo Boris Fausto:

os intelectuais autoritários identificaram-se com o regime por suas características mais evidentes – supressão da democracia representativa, carisma presidencial, supressão do sistema de partidos, ênfase na hierarquia, em detrimento de mobilizações sociais, ainda que controladas. Mais ainda, encontravam na figura de Getúlio Vargas os traços do presidente ideal, tanto mais que nunca foram defensores de uma solução militar, encarnada em figuras como os generais Dutra e Góes Monteiro.¹⁷

Com o fim da AIB cai também o referencial de líder adotado por Cascudo e, no lugar de Plínio Salgado, Vargas ganha o posto de liderança, de guia da nação, uma referência de liderança para Cascudo. Com o tempo, Vargas passou a congregar ao seu redor as forças necessárias para manter-se no poder, demonstrando habilidade política, conduzindo a nação com firmeza e a autoridade necessária exigida pelo momento. Mais que isso. Aos olhos de Cascudo, Vargas percebeu a importância dos letrados na condução do país, colocando-os (assim como no integralismo) à frente do projeto de fortalecimento do Estado Nacional, pautado em princípios nacionalistas e hierarquizados.

Não é de se admirar que um homem como Cascudo, sintonizado com seu tempo, tenha ficado ao lado do Estado Novo após o fim da AIB. Vargas surgia como a encarnação do líder imaginado por Cascudo, aquele nascido para a arte de governar; um líder capaz de alcançar um importante posto de liderança com suas próprias qualidades. Resumindo. Vargas foi capaz de hierarquizar a sociedade, pondo aqueles que nasceram para governar em seus devidos postos e os demais nos seus devidos lugares: o povo na condição de povo, não de líder. Além disso, ofereceu aos letrados uma função de tradutores da ideologia e de práticas estadonovistas, habilidade adquirida por Cascudo durante militância nos periódicos da AIB.

Um outro fator explicativo no processo de aproximação entre “intelectuais autoritários” e a ideologia do Estado Novo está relacionado ao apoio político das ordens e das correntes católicas conservadoras ao Regime varguista. A relação entre conservadorismo e educação e entre clientelismo e patrulhamento ideológico é observado a partir dos mecanismos de favorecimentos e pressões advindas de grupos conservadores cristãos, principalmente em relação às propostas culturais e educacionais estabelecidas por Capanema. Em carta de Tristão de Athayde (um dos mais influentes teóricos brasileiro da teologia cristã) à Gustavo Capanema, o letrado católico apoia o discurso de ataque promovido pelo Estado Novo

¹⁷ FAUSTO, 2001, p. 22.

contra os letrados liberais e à esquerda.

Os católicos meu caro Capanema, não querem do governo, nem privilégios, nem subvenções, nem postos de responsabilidade política. Não tivemos a ambição do poder, nem é por meio da política que esperamos desenvolver nossos trabalhos. Estamos, portanto, perfeitamente à vontade para colaborar com o Estado em tudo o que interessa ao bem comum da nacionalidade. Esse interesse coletivo, que tanto interessa ao Estado como à Igreja, nós o queremos alcançar por meios diversos se bem que não antagônicos. De modo que nosso empenho é pôr honestamente em prática a nossa atividade social sem que isso implique na mínima usurpação dos poderes do Estado[...].¹⁸

Em seu depoimento, Tristão de Athayde revela o apoio dado por letrados conservadores e cristãos ao Regime Vargas, inclusive com suporte intelectual para defesa do sistema, mais precisamente no combate ao discurso comunista soviético. O apoio dos letrados católicos, de certa forma, definia, sem sombra de dúvidas, a posição pró-governo de Cascudo no campo de batalha entre o Estado Novo e a ideologia comunista (vista como o grande espantinho para os cristãos do período).

Leitor de Tristão de Athayde e de boa parte dos seus escritos, Cascudo foi influenciado pelo pensamento teológico de Athayde. Além disso, Athayde era um dos mais influentes letrados católicos junto a Capanema, aproximando Cascudo da ordem política existente naquele momento. A influência de Athayde junto a Capanema é explicitada quando da indicação do teórico católico para ocupar a vaga de Reitor da Universidade do Distrito Federal (UDF), sediada na cidade do Rio de Janeiro. No cargo, sua missão foi conter o avanço do pensamento marxista que estava se difundindo rapidamente naquela instituição. Por interferência da Igreja e do próprio Athayde, o Ministério da Educação o designou para que as devidas providências fossem tomadas contra o avanço do pensamento marxista na UDF.¹⁹

Dentro do ambiente favorável aos letrados conservadores, com apoio da ala letrada cristã, Cascudo passou a assumir posturas de apoio ao Estado Novo após novembro de 37. Outro ponto importante: em nenhum momento da sua trajetória integralista, Cascudo pareceu (claramente ou publicamente) vestir o capuz de um algoz contra a figura de Vargas. O que se observou foram insatisfações com o processo golpista de 1930 e a perseguição no calor do momento aos opositores de Vargas. Na carta a Mario de Andrade, se solidariza com o amigo, denuncia as perseguições, mas não critica a figura de Getúlio.²⁰

Aliás, na correspondência com Gustavo Capanema, Cascudo fez questão de afirmar seu respeito pela figura do mais influente e poderoso Ministro de Getúlio. Ao agradecer o envio de um exemplar de Gaspar Barleus, o potiguar afirmou:

18 Carta de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) a Gustavo Capanema, 16 jun. 1935. Apud. SCHWARTZMAN. *Tempos Capanema*, 1984. p. 297-301. In: DEL PRIORE (org.). *Documentos de História do Brasil*, 1997.

19 Sobre a interferência de Tristão de Athayde junto à Universidade do Distrito Federal (UDF) ver: ALMEIDA. Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, 2001, p. 223.

20 Entre fevereiro e março de 1933, Cascudo troca uma carta com Mario de Andrade criticando o sistema interventor dotado por Vargas. Não é uma crítica direta, mas não deixa de ser uma alfinetada no regime político-administrativo de Getúlio Vargas. In: SÁ GOMES, 1999. p. 207-209 e 308-311.

Na impossibilidade de agradecer a V. Excia. o livro que só enriquece com o autógrafo afetuoso de nosso grande Ministro da Educação, direi apenas que, brasileiro e nacionalista, estou orgulhoso pela dádiva cultural com que V. Excia eleva o horizonte literário do Brasil.²¹

Embora não tenha diretamente atuado no Ministério de Capanema (como foi o caso de Mario de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo) Cascudo manteve seu vínculo com os interventores federais que sucederam a Mario Câmara: Rafael Fernandes (1935-1937) e Antônio Fernandes Dantas (1937-1945). Foi durante o Estado Novo que Cascudo publicou uma série de livros financiados pelo Governo Interventorial,²² via Imprensa Oficial, estreitando seu vínculo com as lideranças locais do regime.

É interessante nesse momento da relação amistosa de Cascudo com os interventores posteriores a Mario Câmara. Por motivos de estabilidade política, os nomes que passaram a assumir a interventoria foram membros oriundos das tradicionais famílias oligárquicas do Rio Grande do Norte, homens que, de alguma forma, já possuíam uma ligação com Cascudo e contavam com seu prestígio no processo de legitimação do Estado Novo junto à sociedade norte-rio-grandense.

As lideranças políticas locais sempre procuraram se utilizar da imagem pública de Cascudo. Ter aproximação com ele era sinônimo de credibilidade e popularidade aos governantes de plantão no Estado. É imprescindível lembrar que, na biografia de Cascudo, houve uma troca de legitimidades entre o erudito e o Estado. Como muitos do seu tempo, Cascudo apresentou-se como um sujeito que sabia da sua importância como formador de opinião, e sua atuação exercia fascínio junto à sociedade. Essa imagem é tão forte que, ainda se perpetua em Natal. Da mesma forma que o escritor necessitava do Estado para financiar seus estudos e obras, o Estado era carente de homens importantes junto à opinião pública, capazes de legitimar governos, transmitindo credibilidade de suas ações políticas. No Rio Grande do Norte, por décadas, Cascudo foi responsável pela legitimação de vários governantes deste Estado.

Novas ordens, novos discursos, um só silêncio: o processo de silenciamento de um (ex)Camisa Verde.

A partir da interventoria de Mario Câmara (1933-1935) o Governo Estadual esteve em constante sintonia com o Poder Federal até o fim do Estado Novo em 1945. As lideranças estaduais atuaram como tentáculos do gigantesco polvo criado por Getúlio Vargas durante a primeira fase da sua Era. Ao estreitar sua ligação com os interventores locais, Cascudo passou a participar do planejamento estabelecido pela política do Estado Novo para o Rio Grande do Norte, a qual visava unificar e centralizar a educação e a cultura nacional. A estatização pretendida por Vargas desejava centralizar a produção e a atuação dos produtores dos saberes, estabelecendo alianças entre letrado e Estado,

21 CPDOC / FGV. GC / Cascudo, L. b. 2. out. 1940.

22 Dentre as publicações estão: *O Doutor Barata, político, democrata, jornalista* (1938); *O Marquês de Olinda e seu tempo* (1938). Todos, de alguma forma, estão associados a editoras de caráter público.

dando protagonismo aos letrados aliados do Regime. Cascudo que, nesse momento, já possuía uma forte ligação com a interventoria local assumia cada vez mais uma postura *apartidária* e ao mesmo tempo *política*, atuando de forma constante na legitimação dos homens públicos e dos políticos estaduais, principalmente dos aliados e apoiadores dos projetos de Gustavo Capanema e Getúlio Vargas.

Assim como sua trajetória política na década de trinta é silenciada em suas biografias, os envolvimento políticos de Cascudo também se tornam uma neblina quando procuramos estudar sua ideologia política pós-AIB. São essas lacunas que tornam o assunto atraente e ao mesmo tempo de difícil compreensão. O silenciamento acarreta uma série de indagações que, por não serem claras e quase sempre pouco estudadas com o devido cuidado e respeito, acabam ganhando contornos desfigurados e mal compreendidos na construção de uma biografia histórica para Cascudo.

Todavia, são essas características que o tornam um objeto de análise atraente. Cascudo carrega em sua trajetória integralista todas as angústias de um homem do seu tempo e que teve atrelado a si as raízes de um passado tradicional, hierarquizado, mas que foi dizimado e posto na memória do tempo pelo progresso e o liberalismo. Como saudosista que era, sentia saudades do *habitat* da sua infância e se apavorava com a avalanche de mudanças promovidas pela modernidade e seus novos conceitos e práticas liberais e democráticas. Essas angústias pungem nas fontes do período.

O silêncio político operado na biografia do erudito potiguar, só se tornou exposto quando da sua participação na Ação Integralista Brasileira e seu engajamento no projeto de Plínio Salgado. O silêncio que operava em torno do Cascudo político de fins dos anos 30, é o mesmo que vai possibilitar a transição do erudito de uma ordem discursiva para outra, sua saída da AIB para os quadros ideológicos do Estado Novo, sem que isso apareça explicitamente em suas biografias. O receio de muitos em trabalhar com a trajetória integralista de Cascudo aparece associado ao silêncio ensurdecedor com a qual o próprio erudito tratou passagem na AIB. Talvez, pela condenação dos vitoriosos ao autoritarismo e pelo cenário democrático ocidental impetrado com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Como é possível perceber até aqui, o silenciamento da atuação pública e política do mais importante e influente camisa-verde potiguar começou com o próprio Cascudo, logo após o Golpe de novembro de 1937. Provavelmente o maior motivo do afastamento dos quadros integralistas está relacionado à tentativa frustrada de atentado contra Getúlio Vargas pelas lideranças radicais da AIB logo após a proclamação do Estado Novo.²³ Com toda perseguição política e policial seguida, e a pujante caça promovida contra os integralistas, Cascudo talvez tenha se sentido mais à vontade em continuar ao lado de Vargas e abandonar de vez o projeto de Plínio Salgado. As raras publicações integralistas

23 Após o Golpe de 37 as relações entre Vargas e Salgado foram extremamente abaladas, ao ponto de Vargas renegar de vez o apoio da AIB, excluindo qualquer possibilidade de participação da AIB nos quadros superiores da administração, no Estado Novo. Em 11 de maio de 1938, os integralistas insatisfeitos com o fechamento da AIB, invadiram o Palácio Guanabara, numa tentativa de deposição de Vargas. Esse episódio ficou conhecido como Levante Integralista.

que aparecem em *A República*,²⁴ por exemplo, não tecem críticas contra a figura de Vargas, ao contrário, esporadicamente elogios ao Presidente da República são revelados em forma de respeito e admiração.

O silêncio cria uma lacuna relativa à participação integralista na biografia de Câmara Cascudo, um *silêncio fundador*, estratégico, propositalmente construído pelo próprio silenciado.²⁵ Sua participação na AIB foi silenciada para evitar empecilhos em relação a futuras publicações, ou como forma de proteger seu cargo de funcionário público das perseguições políticas. Foi necessário sintonizar seu discurso à ordem discursiva do Estado Novo, capaz de concentrar os saberes institucionais e organizar os projetos culturais, dos quais dependiam financeiramente a maior parte dos letrados do país.

O Estado Novo foi o mais forte mecenas das letras no país. Mesmo seus opositores, muitos ligados aos eventos de 1930, mesmo estes, como Mario de Andrade,²⁶ se renderam à política centralizadora do Estado Novo e aderiram ao projeto estabelecido por Gustavo Capanema. Caso contrário, corriam o risco de não contar com qualquer tipo de suporte para financiamento de seus livros. Os anos que se seguiram na vida de Cascudo, dentro do ciclo que compreendeu o período entre 1937 e 1945, limitaram o discurso de Cascudo, inclusive forçando-o a silenciar sua mais explícita participação política, sua participação junto à AIB.

O discurso estadunidense de democracia estabelecido após a Segunda Guerra Mundial, de certa forma, obrigou, não só Cascudo, mas todos aqueles ligados a regimes autoritários a mudar de posição e adotar o discurso democrático dos aliados, dos vencedores. Nesse momento específico, os “intelectuais autoritários” passam a se reinventar, se remodelando e ao mesmo tempo silenciando suas trajetórias autoritárias. O mundo pós-Segunda Guerra não possuía espaço para a manutenção de Estados autoritário.

O conceito de autoritarismo que sempre fora associado aos regimes, tanto de extrema direita quanto aos regimes de extrema esquerda, passa a ser associado aos discursos antidemocráticos promovidos pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e por sua ideologia comunista. Embora a URSS já possuísse uma característica autoritária antes mesmo da Segunda Guerra, os soviéticos passam após 1945 a ocupar o posto de inimigos da democracia ocidental, cargo até então representado pela Alemanha nazista de Hitler e a fascista Itália de Mussolini.²⁷

24 Listar os artigos, ou mesmo as notas integralistas durante todo o ano de 1937 reservaria um espaço considerável aqui. Para efeito de estudos mais aprofundados acerca dos artigos integralistas sobre Vargas que foram publicados no Rio Grande do Norte, recomendo ver toda a coleção de *A República* do ano de 1937 que se encontra no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

25 ORLANDI, 1997, p. 70.

26 Mario de Andrade tornou-se uma das lideranças letradas mais influentes junto a Gustavo Capanema ocupando, inclusive, um cargo no Palácio do Catete no Rio de Janeiro no Ministério da Educação. Em carta de 20.08.1939, Cascudo denomina seu colega paulista de “Mario do Catete”, uma alusão ao cargo que Mario veio a ocupar no Ministério de Capanema. In: SÁ GOMES. 1999, p. 337.

27 Azevedo Amaral e Oliveira Viana são letrados que produziram obras que tentavam legitimar a posição democrática do Estado Novo, criando, após 1939, um discurso que associava a política autoritária adotada por Vargas como uma ferramenta para se alcançar uma democracia no Brasil. Para se perceber esta visão ver: AMARAL. *O Estado Autoritário*

O fim dos regimes autoritários de extrema direita deixa Cascudo em uma situação de aliança com a democracia que vai se definindo como única e legítima no imaginário mundial. O Governo do Brasil seguia a política estadunidense e, mesmo sob a tutela de um ditador com características conservadoras e autoritárias, adota o discurso democrático contra o autoritarismo totalitário europeu a partir da aliança com os Aliados em 1942.



Ao fundo vemos o Memorial Câmara Cascudo (MCC-FJA). À frente, obra póstuma, em homenagem a Câmara Cascudo, construído após sua morte em 1986.

FONTE: Arquivo pessoal.

Ao se inserir em um projeto conservador, tradicional e autoritário, Cascudo não desejava uma vida de privações e limitações, imagens quase sempre associadas aos regimes autoritários. Ao contrário, ele foi um homem do seu tempo, condicionado pelo regime histórico imposto a um católico, conservador, letrado e dependente da figura do Estado para publicar seus trabalhos e sustentar a casa. Seus escritos são os maiores testemunhos de um sujeito que não renegou suas convicções políticas, ideológicas e morais durante a década de 1930, mas também revelam suas escolhas, como a que passa a adotar a partir da década de 1940, quando silencia sua trajetória verde e assume o posto de defesa da democracia liberal estadunidense após 1945.

Em suas biografias, o silêncio de Cascudo se fez falar. Mesmo sem falar, se percebe ali um reacionário à sociedade das regras intelectuais, um sujeito aliado fiel ao seu pensamento e a suas diretrizes de escritor descompromissado com regras. Décadas mais tarde, da janela do Hospital Onofre Lopes, continuou na década de 1960 a tecer suas críticas contra os comportamentos e as posturas modernas, questionando as práticas e observando os corpos que andavam pela Praia dos Artistas, corpos muito diferentes daqueles que caminhavam na praia da sua infância.²⁸

e a *Realidade Nacional*, 1938.

28 Ver: CASCUDO. *Pequeno manual do doente aprendiz*, 1998.

Ao contrário do que pensamos, a sociedade norte-rio-grandense mantém uma forte ligação com o conservadorismo e o medo pela mudança, o medo pelo novo. O Rio Grande do Norte é uma exemplificação do tradicionalismo, tanto por ter uma sociedade esmagadoramente cristã, quanto por posturas conservadoras. Cascudo foi o cavaleiro que cruzou parte da história republicana potiguar, carregando a bandeira do seu tempo, talvez com o brasão do *peixe Cascudo*, cercado pelos *burgos do Principado* que tanto rondou seus sonhos de criança, e que se perpetua em cada pingão de tinta que nos remete seus escritos.

Imortalizando-se nas memórias, o erudito potiguar conseguiu o que mais desejava: tornou-se um monumento sustentado pela solidez da mão que sai do tradicional e conservador solo norte-rio-grandense. Seu filho mais ilustre e representativo foi também um destemido defensor do tradicional sangue potiguar.

Cascudo, como qualquer sujeito, sentia saudades dos melhores momentos da sua vida; sentia falta das condições de uma infância feliz, de um saudosismo presente em toda sua trajetória de vida. A dedicação às letras fez dele um homem mais racional, preocupado com a verdade, a origem, a vontade de manter viva uma memória que lhe fazia bem. Em um dos seus livros de memórias ele sentia o peso da tinta da sua Remington e a responsabilidade ser um erudito preocupado em pensar o Brasil: “Meus olhos já não possuem a perspectiva do maravilhoso, normal nas crianças. Troquei pela ciência. Agora sei o quanto perdi...”²⁹

29 CASCUDO. *Na ronda do tempo*, 1998, p. 185

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pequena peça no lugar: muitas por achar...

Durante alguns momentos da pesquisa encontrei pessoas afirmando que a participação de Cascudo na Ação Integralista Brasileira não passava de lenda, o que, de certa forma, evidencia a funcionalidade das estratégias de silenciamento adotadas pelo erudito sobre sua trajetória integralista. Ao silenciar esse momento de sua biografia, Cascudo tentava desvencilhar sua imagem de qualquer participação em movimentos radicais.

Levando em conta o fato de que o pensamento autoritário perde espaço no Brasil após o aliança do Brasil com os Aliados a partir de 1942, cabia, então, adotar posturas e discursos democráticos com o claro intuito de se distanciar do integralismo, principalmente após o atentado ao Catete, no qual integralistas radicais atentaram contra Vargas a fim de deflagrar um golpe de Estado. A participação de Cascudo na AIB não foi lenda ou folclore, ela aconteceu e ele assume sua posição em artigo intitulado “Suborno...” publicado no jornal *A República* de 4 de setembro de 1934, se definindo como “Chefe integralista” e “miliciano convicto” da AIB.

O engajamento de Cascudo na AIB não tem a ver, necessariamente, com admiração por figuras como as de Hitler ou Mussolini, nem com seus respectivos regimes, aos quais muitos associam ainda hoje sua imagem. A admiração pelo autoritarismo e pela hierarquização de extrema direita adotada tanto na Alemanha como na Itália, não era incomum durante a década de 1930 no Brasil. Sem muito esforço é possível encontrar periódicos brasileiros e estrangeiros empolgados com a recuperação alemã após a implantação do nazismo, assim como artigos elogiosos à forma heroica na qual Hitler ressuscitou a Alemanha. O pensamento conservador e autoritário foi aceito pela sociedade como uma forma lógica, séria e concreta de se fazer política não só no Brasil como em alguns outros países.

No Brasil, Getúlio Vargas, um governante autoritário e conservador, não manter-se-ia no poder por quase quinze anos se não tivesse apoio e suporte necessários. Cascudo, admirador das posturas hierárquicas e centralizadoras, acreditou nos anos 30 e 40 que a democracia levava ao poder aqueles que não possuíam a capacidade necessária de governar o país. Para ele, os homens comuns não foram preparados para assumir uma postura de líder, ao contrário dos filhos da elite que, teoricamente, seriam desde cedo preparados para os desafios da vida pública. Visão compreensível a um homem que viveu alguns momentos da sua infância e adolescência cercado de práticas e ideologias conservadoras e autoritárias. Soma-se a admiração pela figura do pai, um “Coronel”, que tão bem vivia no ambiente conservador do Império e da Primeira República, mas viu sua vida ser arrasada pela modernidade e pelo liberalismo, traço que marcou sobremaneira a

relação de Cascudo com a política. A morte do Coronel Francisco Cascudo foi um golpe profundo em sua vida, consolidando um período de declínio financeiro familiar em que passa a ser o mantenedor da casa.

Aliado a essa considerável gama de acontecimentos negativos, a AIB oferecia um atraente projeto cultural e político para aqueles que se consideravam vítimas da modernidade e de suas mudanças. Devido à excessiva semelhança das ideias e práticas entre o erudito e a AIB, Cascudo se viu em um espaço confortável para expressar seus pensamentos e ações. Isso fica evidente quando analisamos o conceito de cultura presente nos escritos do líder integralista Plínio Salgado e de Câmara Cascudo: ambos possuíam entendimento elitista na compreensão do conceito de *cultura*.

Renato Ortiz, em *Românticos e Folcloristas* caracteriza um folclorista como aquele que possuía as qualidades necessárias para entender os sentimentos da massa e traduzir de forma acadêmica, buscando vários entendimentos práticos e do cotidiano.¹ Cascudo, por ser um homem das letras do seu tempo, acreditava que um sujeito sem formação letrada não reunia condições básicas para entender o que era cultura ou como ela se estabelecia.

Cascudo possuía as características próprias de um estudioso da cultura popular do século XIX e utilizou-se dessa prática de pesquisa em prol da causa integralista. Em seus textos, buscou exaltar o nacionalismo, cabendo aos homens da sua posição identificar as origens que levariam ao entendimento da essência do “ser brasileiro”. Em outra ponta, na defesa do nacionalismo e do patriotismo, fazia forte oposição ao internacionalismo defendido pelos comunistas e ao discurso bolchevista soviético.

A função de Cascudo dentro dos quadros da AIB é outro importante ponto alcançado em nosso estudo. O erudito potiguar não fez em seus artigos apologias aos movimentos xenófobos, antissemitas e arianos (diferente de Gustavo Barroso). Seu papel dentro das publicações integralistas foi restrito ao posto de propagandista, defensor ideológico e principalmente de tradutor da linguagem culta dos líderes integralistas, de forma a que os discursos filosóficos das lideranças, fossem tornados palatáveis à leitura da população em geral. Folclorista, coube a ele estabelecer as relações entre o pensamento integralista e o imaginário popular, referenciando e identificando nas práticas populares de cultura as raízes da essência nacional, as características do verdadeiro sentimento de nacionalidade.

Com o esfacelamento da AIB após o Golpe de 1937, Cascudo passa a estabelecer uma aliança com o Estado Novo, por meio do Ministro Gustavo Capanema. Tal aproximação fazia com que Cascudo fosse lembrado e angariasse espaço dentro do projeto do Ministério da Educação, garantindo um espaço de publicação e atuação dentro de um Governo que passou a apoiar e depender da força letrada como legitimadora das ações e práticas do Estado Novo.

O silenciamento da trajetória integralista de Cascudo deveu-se justamente a essa aliança com o discurso estado-novista. Primeiro porque os integralistas passaram a ser

¹ ORTIZ, 1992.

perseguidos por Vargas após a implementação do Estado Novo em 1937. Em seguida ocorreu a intentona integralista empreendida pela chefia da AIB em 1938, em uma tentativa frustrada de tomada do Palácio do Catete. Por fim, o Estado Novo passou a ser o maior mecenas da cultura nacional, tanto para publicações quanto para a obtenção de cargos públicos na área cultural do Estado.

Na década de 1940, o Cascudo conservador e saudosista (já aliado às práticas políticas do Estado Novo de Vargas) deu lugar a um democrata. A aliança entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, que defendiam a bandeira da democracia e relacionavam em seus discursos as práticas autoritárias às ações nazifascistas, forçou Cascudo a dotar novamente estratégias camaleônicas, se resignificando, se reposicionando, fortalecendo o processo de silenciamento de sua trajetória integralista e suas simpatias por regimes autoritários.

Constantemente sua imagem aparece dissociada da vida política norte-rio-grandense. A confusão que normalmente se faz entre partidarismo e participação política, associada à escassa quantidade de fontes referentes ao engajamento político de Cascudo, levam a existência de uma ínfima quantidade de publicações referentes ao tema. Somente a partir de relatos orais, somente utilizando os artigos integralistas de Cascudo é possível perceber suas posições políticas de forma clara, sem amarras institucionais.

Talvez a falta de um detalhamento teórico mais aprofundado e um melhor aparato metodológico, associado a um difícil acesso a fontes primárias, acarretem interpretações superficiais acerca do Cascudo integralista, resultando em trabalhos apressados e sem um aparato necessário para um estudo mais detido e sem “achismos” ou curiosidades.

As peças verdes da biografia integralista de Câmara de Cascudo continuam, em sua maioria, submersa dentre as várias partes que compõe a narrativa de vida desse importante folclorista brasileiro. Com nossa pesquisa e nosso trabalho, conseguimos encaixar algumas peças desse tortuoso quebra-cabeça que continua a ser a vida de Cascudo.

As peças verdes que encontramos, e que pretensamente encaixaram-se em nossa narrativa são apenas algumas de um complexo cenário, aos poucos completo com a colaboração de pesquisas posteriores. Não pretendo, de forma alguma, que meu trabalho tenha tido a intenção de se tornar algo definitivo sobre o momento da militância integralista de Cascudo, ao contrário. Creio que ele tenha sido mais um primeiro exercício prático de pesquisa, servindo de auxílio para pesquisas futuras. A biografia verde de Cascudo continuará incompleta e continuará assim porque a memória e a história são lacunares, nunca dizem tudo, nunca podem dizer tudo.

Aqui, apenas tecemos explicações para o sumiço de algumas peças verdes do *puzzle* cascudiano, peças melindrosamente silenciadas por pesquisadores ressabiados, preocupados em macular a imagem de Cascudo. Na minha opinião, Cascudo revelou-se um objeto de estudo de grande potencialidade, pois apresenta facetas, mudanças, estratégias, pluralidades. Seu comportamento camaleônico e sua onipresença são atrativos, não

empecilhos.

Meu esboço do Cascudo integralista é apenas uma pequena amostra, nada comparado ao gigantismo da obra e da vida do mais influente erudito potiguar, que, como poucos entendia da arte das letras, a arte de se fazer ver e também de se fazer silenciar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. (3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente*. Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005.

_____. Sobre a relação de Câmara Cascudo e os corpos em sua obra ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Ágeis, irrequietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo*. Digitado. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2008.

_____. *Luís da Câmara Cascudo em "As batalhas contra o Tempo": a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986)*. 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

AMARAL, Azevedo. *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ARENDT, Hanna. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. (6ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

_____. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: Empresa Ed. ABC, 1938.

_____. *Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. *O integralismo Brasileiro de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

_____. *O integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista no Maranhão (1933-1937)*. São Paulo: Annablume, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.

- CAVALHEIRO, Edgard (org.). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Alma patricia: crítica literária*. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 743).
- _____. *Civilização e cultura*. São Paulo: Global, 2004. (1ª ed. Pela Global).
- _____. *Histórias que o Tempo leva...* Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757).
- _____. *Na ronda do tempo: diário de 1969*. Natal: Ed. UFRN, 1998.
- _____. *No caminho do avião... notas de reportagem aérea (1922-1933)*. Natal: EDFURN, 2008.
- _____. *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e imaginações*. Natal: Ed. Da UFRN. 1998.
- _____. *Prelúdio e fuga do real*. Natal: Fundação José Augusto, 1974.
- _____. *Viajando o Sertão*. Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1934.
- _____. *Viajando o Sertão*. Natal: Fundação José Augusto, 1975.
- CHAUÍ, Marilena (org.); FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. (2ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. (2ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Câmara Cascudo o jornalista integralista*. Natal: CCHLA/UFRN, 1995.
- _____. *Cascudo o camisa verde*. (2ª ed.). Natal: Sebo Verde Amarelo, 2004.
- _____. *Pequena história do Integralismo no Rio Grande do Norte*. (1ª ed.). Natal: Fundação José Augusto, 1986.
- DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha Nazista*. (1ª ed.). São Paulo: Annablume, 1996.
- ENGELS, Friederich. *Princípios do Comunismo*. (2ª ed.). São Paulo: Unitas. Coleção de Sociologia.
- FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. v.2, t.3.
- _____. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2001.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. (12ª ed.). São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. (32ª ed.).
- _____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (22ª ed.). Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. *O que é um autor?* (4ª ed.). Lisboa: Vega, 2000.
- FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. *Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Cone, 1998.
- GOEBBELS, Joseph. *O Bolchevismo na teoria e na prática*. 1936.
- GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: _____. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. (5ª ed.). São Paulo: Centauro, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. (3ª ed.). São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Para uma nova história*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. (4ª ed.). Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica, 2006.
- LENIN. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Pongetti. Coleção Minha Livraria, s/d.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (org.). *Usos e abusos da história oral*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Mitos do nosso tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo um brasileiro feliz*. Natal: RN Econômico, 1978.
- MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3t.
- MELO, Veríssimo de (org.). *Cartas de Mario de Andrade a Luis da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- MICELI, Sérgio (org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1984.
- _____. *História das Ciências Sociais no Brasil*. (2ª ed.). São Paulo: Sumaré, 2001. v.1.

_____. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. (1ª ed.). São Paulo: Ática, 1977.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (4ª ed.). São Paulo: UNICAMP, 1997.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1990.

OLIVEN, Ruben George. A Relação estado e Cultura no Brasil: cortes ou continuidades?. In: MICELI, Sérgio. *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Românticos e folcloristas*. São Paulo. Olho d'água, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. (1ª ed.). Porto Alegre: EDUFERS, 2001.

PLEKANOV. *A concepção materialista da História*. Rio de Janeiro, 1931.

REGIS, João Rameres. *A Ação Integralista Brasileira: um caso de polícia? Trajetos*. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005.

SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: Olympio, 1934.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. (2ª ed.). São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SERRES, Michel. *Diálogos sobre a ciência, a cultura e o tempo*. Lisboa: Quadratim, 1996.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1974

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA (org). *O Brasil Republicano*; vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

VERÍSSIMO, Érico. *Solo de clarineta*. (19ª ed.). São Paulo: Globo, 1987.

VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/FUNARTE, 1997.



Peças que somem, lacunas que nascem

a trajetória integralista de Câmara Cascudo

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br



Peças que somem, lacunas que nascem

a trajetória integralista de Câmara Cascudo

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br